UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA

Instituto de Psicologia - IPS

Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI

Maurício Coelho de Jesus

# Recursos Desenvolvimentais e Desenvolvimento Juvenil Positivo em Universitários/as Brasileiros/as

Salvador

2021

**Recursos Desenvolvimentais e Desenvolvimento Juvenil Positivo em Universitários/as Brasileiros/as**

Maurício C. de Jesus

Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia,

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Drª Luciana Dutra-Thomé

Agosto 01, 2021

Dissertação apresentada no Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia sob orientação da Profª. Drª. Luciana Dutra-Thomé

Jesus, Maurício Coelho de
J58 Recursos desenvolvimentais e desenvolvimento juvenil positivo em universitários/as brasileiros/as. / Maurício Coelho de Jesus. – 2021.
85 f.

Orientadora: Profª Drª. Luciana Dutra-Thomé
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia, Salvador, 2021.

1. Estudantes universitários. 2. Jovens – Desenvolvimento social. 3. Juventude. I. Dutra-Thomé, Luciana. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD: 155

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA**

Instituto de Psicologia - IPS

*Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI*

**MESTRADO ACADEMICO E DOUTORADO**

# TERMO DE APROVAÇÃO

**"RECURSOS DESENVOLVIMENTAIS E DESENVOLVIMENTO JUVENILPOSITIVO EM UNIVERSITÁRIOS/AS BRASILEIROS/AS"**

**Maurício Coelho de Jesus**

**BANCA EXAMINADORA:**

**Prof.ª Dr.ª Luciana Dutra-Thomé (Orientadora)**
*Universidade Federal da Bahia – UFBA*

**Prof. Dr. Elder Cerqueira Santos**
*Universidade Federal de Sergipe – UFS*

**Prof.ª Dr.ª Patrícia Alvarenga**
*Universidade Federal da Bahia - UFBA*

Salvador, 18 de novembro de 2021.

**Prof.ª Drª Luciana Dutra-Thomé**

Em memória de minha amada

prima Jaqueline Lima.

Jamais esquecida, sempre lembrada!

**Agradecimentos**

A minha mãe, Maria Nildes, mamãe solo que sempre me incentivou a ir atrás da minha felicidade, independente de ganho financeiro e sempre apoiou minhas confusões e teimosias, acreditando que ao me encontrar, eu encontraria meu sonho e o faria possível (esta dissertação é uma prova disso). Te amo muito.

A minha família (primas, primos e tias) que nunca hesitaram em acreditar em mim e sempre estiveram prontos para me ouvir e me ajudar nos caminhos que escolhi. Sou eternamente grato pelos conselhos e amo vocês demais, ainda que com algumas brigas.

Aos meus amigos/as queridos (Roberto, Miranda, Marcelo, Jaciane, Camila, Regina) que fizeram com que eu crescesse como pessoa, como pesquisador e como cidadão. Obrigado por me fazerem rir de tudo. Sou eternamente grato pelas marcas que deixaram em mim em todos esses anos de convivência, amor e muito orgulho. Sempre digo e repito, tenho muito orgulho de vocês.

A Yasmin e Liz que sem perceber, ou muitas vezes percebendo, fizeram a diferença nesta minha caminhada!

A Eliseu, uma das pessoas mais incríveis e parceiras que já me permiti conhecer. Gratidão por tudo, te amo pelo ser de luz que você é e torço pela sua felicidade sempre. Obrigado por ser parte fundamental na minha entrada e permanência no mestrado. E muito obrigado por ter me aturado por tanto tempo, sei que foi difícil.

A Vovó Cassia, mulher guerreira, batalhadora que nunca mediu esforços para me ajudar e me acolher em sua família. A senhora é uma mulher incrível!

As pessoas que tiveram em minha vida e se foram. Obrigado! Vocês foram especiais para mim e nunca esquecerei de todo aprendizado e de tudo que foi vivido enquanto estivemos juntos.

A Luciana Dutra-Thomé, que sempre com muita paciência e muitos sorrisos, me mostrou o que é ser um pesquisador e me auxiliou durante toda a minha caminhada dentro e fora da academia. Luciana, guardo cada ensinamento com carinho e atenção, pois eles me fazem crescer todos os dias. Obrigado por me mostrar um novo leque de possibilidades e oportunidades.

Ao pessoal do LAPROA (Lorena, Paula, Jamylle, Laís, Maria Paula, Romildes e Matheus), um grupo de trabalho, o qual caí de paraquedas, mas que se tornou uma grande família. Vocês, juntamente com Luciana, abriram as portas e me ajudaram em cada página desta dissertação. Sou eternamente grato a vocês e sei que nossos laços, incialmente puramente acadêmicos, nos fizeram grandes amigos e parceiros.

As minhas professoras da graduação Maria Angélia, Cristiane Oliveira, Clarice Bacelar e Hortênsia Brandão. Vocês não fazem ideia do quanto foram e são importantes em toda a minha trajetória acadêmica.

A Anderson Pereira, o meu muito obrigado por ter me ajudado de forma tão paciente e acolhedora a tornar esta dissertação possível!

A minha prima Jaqueline Lima, falecida em 2021. Prima, sinto saudades. Obrigado por acreditar em mim e me apoiar em tudo (ainda que eu estivesse errado). Obrigado por me ensinar que rir é o melhor remédio. Sempre lembrarei de todas as nossas conversas diárias e muitas risadas. Eu, Juju e Sasá sentimos sua falta todos os dias. Te amamos eternamente.

Por fim, a UFBA, universidade livre, que me mostrou todas as possibilidades de quem eu posso ser e o que eu quero ser. Viva a universidade pública brasileira!

“Não quero faca, nem queijo. Quero a fome. ”

Adélia Prado

“Tudo é loucura ou sonho no começo. Nada do que o homem fez no mundo teve início de outra maneira - mas tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum. ”

Monteiro Lobato

**Resumo:** A presente dissertação avaliou a associação entre os diferentes tipos de conexões (institucional, familiar e comunitária), saúde mental positiva, vivência de eventos estressores e os indicadores dos 5Cs do Desenvolvimento Juvenil Positivo (DJP) em estudantes universitários/as brasileiros. O capítulo 1 apresenta a perspectiva do DJP, seus fundamentos teóricos e descreve as medidas dos 5Cs, pensando-as para o contexto brasileiro. O capítulo 2 analisou as relações entre os diferentes tipos de conexões sociais, saúde mental positiva e fatores de risco com os 5Cs do DJP. Correlações de Pearson e Equações Estruturais demonstraram que as conexões socais e os indicadores de saúde mental positiva podem ser considerados como preditores do DJP, uma vez que sua presença esteve relacionada com um aumento dos 5Cs. Contudo, o C do Cuidado indicou que para o estudante universitário sentir demais ou cuidar demais pode estar ligado a instabilidade emocional e baixas conexões com a família. Evidenciando ainda, uma maior percepção e impacto da vivência de eventos estressores por estes estudantes. Esses resultados podem auxiliar na formação de estratégias protetivas e promotoras de saúde e bem-estar em estudantes universitários/as brasileiros/as por meio de medidas que possam potencializar e fortalecer relações individuo-contexto..

*Palavras-chave*: estudantes universitários, desenvolvimento juvenil positivo, juventude, conexões sociais.

**Abstract:** This work evaluated the association between the different types of social connections (college, family and community), positive mental health and risk factors with the five Cs of the Positive Youth Development (PYD) in Brazilians college students. Chapter 1 presents the PYD theory and describes the five Cs model within the Brazilian context. Chapter 2 examines the relationship between different social connections, positive mental health and risk factors with the five C's. Pearson's correlations and Structural equation modeling were conducted. The results showed that social connections and the positive mental health are DJP predictors, since their presence was related to the increase of the five C's, assisting in the formation of the protective strategies, promotion of health and well-being for the Brazilian college students.

*Keywords*: college students, positive youth development, youth, social connections.

## Lista de Tabelas

Tabela 1 - Características sociodemográficas: sexo, estado civil, idade, status residencial e com quem mora (N = 495) ..... 48

Tabela 2 - Índices de *Modelfit* para medidas de fatores latentes testados através da análise confirmatória..... 54

Tabela 3 - Correlações entre as variáveis..... 56

Tabela 4 - Associações entre as variáveis..... 57

Tabela 5 - Correlações entre os 5Cs e eventos estressores (N = 495)..... 58

**Sumário**

Apresentação..... 13

– CAPÍTULO I –..... 16

DESENVOLVIMENTO JUVENIL POSITIVO: PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA A JUVENTUDE BRASILEIRA..... 16

Integrações no campo do desenvolvimento juvenil positivo..... 18

O modelo dos recursos desenvolvimentais..... 20

Os 5Cs..... 24

O contexto juvenil brasileiro..... 27

Considerações finais..... 29

Referências..... 31

– CAPÍTULO II –..... 37

RECURSOS DESENVOLVIMENTAIS E DESENVOLVIMENTO JUVENIL POSITIVO EM UNIVERSITÁRIOS/AS BRASILEIROS/AS..... 37

O contexto universitário brasileiro..... 42

Método..... 46

Delineamento..... 46

Participantes..... 47

Instrumentos..... 49

Procedimento..... 52

Análise de dados..... 52

Resultados..... 53

Discussão..... 58

Considerações finais..... 63

Referências..... 66

Conclusão..... 75

Referências..... 78

Anexo A..... 79

Anexo B..... 82

Anexo C..... 85

Anexo D..... 87

## Apresentação

Entrar na universidade envolve uma construção e (re)organização mental do/a jovem para se adaptar a um novo nível de exigência no âmbito institucional e social. Isto pode representar uma fonte potencializadora de estratégias de resolução de problemas e desenvolvimento socioemocional, como pode também resultar em falhas no enfrentamento, induzir a comportamentos de risco (ex., uso de álcool e outras drogas, sexo desprotegido) e sofrimento psíquico. O DJP (*Positive Youth Development – PYD*) surge como um importante mobilizador de conexões sociais, institucionais e desenvolvimento socioemocional, a exemplo de experiências de acolhimento/pertença, afetividade, senso de valorização e conexão com os grupos (ex., familiar, de amigos, institucionais, comunitários, etc.), que ajudam a proteger e promover a saúde mental e social de jovens. O DJP potencializa aspectos positivos da interação recíproca entre indivíduo e contexto, nos quais o esforço para vencer dificuldades e o apoio social são a via de atuação e intervenção. Nesta dissertação, buscou-se compreender como, apesar dos desafios universitários e da transição para a vida adulta, os recursos contextuais podem afetar positivamente o desenvolvimento de jovens universitários/as em Instituições de Ensino Superior Públicas e Privadas no Brasil.

Inicialmente, este estudo contaria com a escala *Profiles of Student Life*, já adaptada para a cultura brasileira. Contudo, ela precisou ser substituída pois o *Search Institute*, detentor dos direitos, não permitiu a liberação gratuita da escala. O processo de construção desta dissertação não contou com apoio financeiro, portanto, foram utilizadas outras medidas, de disponibilidade gratuita, para mensurar a percepção do jovem (recursos externos) sobre questões que envolvam suporte social e conexão com família, comunidade e instituição educacional, bem como os eventos estressores a que estes estão expostos. Outro evento vivenciado no processo de pesquisa foi a necessidade de adaptação da faixa etária do público alvo. Diante do cenário pandêmico, causado pelo novo vírus da COVID-19, a aplicação do instrumento,

primordialmente direcionada para estudantes entre 15 e 18 anos de escolas públicas e privadas na cidade de Salvador-Ba, teve que ser direcionada para alunos/as entre 18 e 33 anos de Instituições de Ensino Superior públicas e privadas no Brasil. A necessidade desta mudança baseou-se na submissão da pesquisa ao formato virtual por meio da versão *online* do questionário. Apesar da internet fazer parte da rotina do mundo globalizado, seu acesso ainda está disponível apenas para um pequeno grupo social. Em países emergentes, como o Brasil, grande parte da população situa-se em contextos mais vulneráveis e não possuem acesso à internet, energia elétrica e/ou saneamento básico. Desta forma, se já com os estudantes universitários/as a pesquisa esteve disponível para uma pequena parcela da comunidade acadêmica, para os estudantes de escolas, principalmente das instituições públicas, esta estaria situada numa realidade inóspita e não conseguiríamos vislumbrar, ainda que num horizonte distante, a diversidade a que se propõe este estudo. Afinal, aqui se parte da premissa fundamental de que a compreensão dos diversos contextos a que o/a jovem está inserido, assim como suas conexões social, afetiva e institucional são fatores cruciais para que o estudo possua validade ecológica, ou seja, para que os métodos, materiais e ambiente do estudo se aproximem do mundo real e tenham impacto na vida cotidiana dos/as participantes e daqueles/as que entram em contato com os/as mesmos/as. Ademais, se o foco se mantivesse em estudantes de escolas, teríamos a maioria de potenciais participantes com menos de 18 anos. Isso exigiria a assinatura de termo de consentimento dos responsáveis e termo de assentimento dos alunos – o que já seria uma tarefa difícil presencialmente, seria ainda mais difícil à distância pelos problemas de acesso, comunicação à distância e tempo para conclusão da dissertação.

Frente a isto, esta dissertação estrutura-se da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresentam-se a perspectiva do DJP, seus fundamentos teóricos e os 5Cs, pensando-se em sua manifestação no contexto brasileiro; no segundo capítulo se apresenta um estudo empírico sobre o impacto de fatores contextuais no desenvolvimento dos 5 Cs. Por fim, para a

apresentação desta dissertação mais uma adaptação precisou ser feita: o capítulo de validação da escala dos 5Cs do DJP – *Very Short Form*, o qual fez parte de todo o desenvolvimento desta pesquisa, não fará parte desta dissertação, apenas será citado. Todo o processo de tradução e validação desta escala, iniciado nesta dissertação por Santos & Dutra-Thomé (2019), será apresentado posteriormente.

# - CAPÍTULO I -

## Desenvolvimento Juvenil Positivo: Perspectivas Teóricas para investigar a Juventude Brasileira

**Resumo:** O Desenvolvimento Juvenil Positivo - DJP (*Positive Youth Development* - PYD) acontece por meio de regulações adaptativas desenvolvimentais, nas quais os pontos fortes da juventude e os recursos de seus contextos são sistematicamente integrados em formas mutuamente apoiadoras e benéficas. A juventude pode ser pensada como um período em que o/a jovem pode mobilizar conexões sociais, institucionais e socioemocionais durante o seu desenvolvimento. Todavia, fatores relacionados a falta de promoção de recursos desenvolvimentais que possibilitem um desenvolvimento saudável têm promovido inseguranças sobre planejamentos a longo prazo, conflitos com os diversos setores em suas vidas e induzido a comportamentos potencializadores de risco. O objetivo deste capítulo teórico é apresentar a perspectiva do DJP em três etapas. Apresenta-se, na primeira, um panorama geral da teoria; na segunda, os recursos desenvolvimentais; na terceira, os 5Cs do DJP. Nas considerações finais, traz-se uma visão crítica de como a teoria pode ser pensada e adequada em países emergentes como o Brasil.

*Palavras-chave:* desenvolvimento juvenil positivo, estudantes universitários/as, contexto brasileiro

As primeiras conceituações sobre a adolescência em psicologia do desenvolvimento traziam a ideia de que os adolescentes eram desajustados, tempestuosos e estressados (Hall, 1904). Tratava-se de uma compreensão do desenvolvimento de maneira reducionista à condição biológica, já que a puberdade evoca novos arranjos emocionais e biológicos que, de fato, podem influenciar, mas não devem ser transferidos de maneira literal para o nível social e psicológico. A universalização da ideia de adolescência desta época não levou em conta as eminentes discrepâncias de tipos de socialização no mundo inteiro, por exemplo, sobre a representação da juventude no mundo oriental e ocidental (Lerner, 2005), além de marcadores importantes como raça, gênero e classe social.

O Modelo Bioecológico do Desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1977; Bronfenbrenner, 1998) apresenta uma abordagem desenvolvimental que considera contextos e particularidades individuais e permite um entendimento do desenvolvimento de diferentes perspectivas. Esta teoria estabelece uma correlação de troca mútua entre indivíduo e ambiente, metodologicamente sistematizada, por exemplo, no Método da Inserção Ecológica, pautado nas dimensões Processo, Pessoa, Contexto e Tempo (PPCT) (Bronfenbrenner, 1998; de Souza et al., 2011). Assim, é possível pensar a juventude, em sua face de mudanças, como uma crescente capacidade da pessoa descobrir, sustentar ou alterar suas características e do contexto em que vive, ao mesmo tempo em que é influenciada por este. Um aspecto chave para este novo foco é a plasticidade, definida como a potencialidade que indivíduos têm de mudar sistematicamente durante a vida (Lerner, 2011). Este potencial é criticamente importante para nos dizer que a trajetória dos/as jovens durante o desenvolvimento não é fixa e pode ser significativamente influenciada por vivências em suas casas, escolas, trabalho e comunidades. Nesse sentido, a mudança, irá emergir por meio das diferenças individuais de cada jovem e do ambiente onde este/a está inserido/a. Afinal, nem todo jovem vivencia as transições

desenvolvimentais da mesma forma, na mesma velocidade ou com resultados iguais (Lerner, 2005).

Em sintonia com este modelo, a psicologia sistêmica tem como foco o produto da interação e comunicação entre indivíduos em diferentes sistemas (ambientes) (Gomes et al., 2014). Iniciada na década de 50, esta perspectiva postula que os sistemas são estruturas organizadas e devem ser vistos em sua totalidade (Sifuentes et al., 2007). Isto ocorre pelo fato de que o todo apresenta características que não podem ser observadas em suas partes isoladamente (Gomes et al., 2014). Esta ideia contribui ativamente para uma visão holística dos indivíduos, a partir da qual é fundamental observar diversos fatores que compõem os contextos diretos e indiretos em que estão inseridos/as, bem como a interação e comunicação entre indivíduos e sistemas.

Seguindo esses modelos interacionais do desenvolvimento humano, o DJP é uma perspectiva teórica com foco nas forças e recursos manifestos nos jovens. O DJP objetiva fortalecer estratégias de superação de problemáticas contextuais, nas quais o esforço para vencer dificuldades, ou ainda, o afastamento dos comportamentos potencializadores de risco (ex., abandono escolar, uso de drogas, sexo sem uso de preservativo, envolvimento em crimes, etc.), são a via de atuação e intervenção para se obter um desenvolvimento saudável (Benson, 1990; Benson et al., 1999; Lerner, 2005). Este primeiro capítulo tem como objetivo apresentar a perspectiva teórica do DJP.

## Integrações no campo do desenvolvimento juvenil

Os desdobramentos das pesquisas em desenvolvimento humano resultaram em uma compreensão mais ampla da juventude a partir de estudos que passaram considerar fatores intra e interindividuais e abordavam as interações entre jovens e instituições no seu contexto social (ex., família, escola, local de trabalho, comunidade, sociedade, etc) (Benson, 1990; Benson et

al., 1999; Lerner, 2005). Esses fatores, quando combinados, produziriam caminhos diferentes e com particularidades que devem ser consideradas para uma compreensão fidedigna desse estágio da vida. O DJP trabalha com esse conjunto de análises com o intuito de preservar e amparar as potencialidades dos jovens, de forma que seu desenvolvimento possa contribuir positivamente para si mesmos, para seus pares e para sua comunidade. A relevância dos estudos sobre o tema se dá pela proposta de entender a plasticidade do comportamento humano (Lerner, 2005) e por enfatizar as potencialidades juvenis como fator principal para o seu pleno desenvolvimento.

Esta perspectiva entende o desenvolvimento a partir do manejo de recursos desenvolvimentais (ex., relações sociais, visão de si e do mundo ao redor, empatia e simpatia, manejo do tempo e de atividades, etc.) que ajudam o indivíduo a amplificar os ganhos (ex., sucesso escolar, engajamento civil, regulação emocional, etc.) e fatores de promoção e proteção contra comportamentos potencializadores de risco (ex., uso de álcool e outras drogas, comportamento sexual de risco, etc.) (Benson et al., 1999). O DJP é, portanto, um recurso para medir, potencializar e desencadear formas distintas de comportamento, tanto na própria avaliação que o/a jovem realiza de suas habilidades e de si próprio/a (autoconceito), quanto na sua capacidade de interagir com outras pessoas.

A integração dos efeitos multidirecionais (indivíduo e comunidade, indivíduo e família, etc.) e a crença na plasticidade são fundamentais para levar a frente a perspectiva de mudança voltada para um aspecto positivo, no sentido de aproveitamento de potencialidades, objetividades e subjetividades de cada jovem em todos os aspectos da vida humana. Este direcionamento deve ser condicionado a servir a um desenvolvimento saudável, considerando a pluralidade humana, além de fatores sociais e culturais de cada contexto (Lerner, 2005).

**O modelo dos recursos desenvolvimentais**

Um recurso desenvolvimental é um agente ou característica do indivíduo em suas ecologias desenvolvimentais (ex., família, grupos de amigos/as, vizinhança, escola, comunidade, etc.) que se relacionam com o aumento das chances de ganhos positivos (ex., saúde social e emocional, contribuição,etc.) e a ausência de comportamentos de risco (ex., uso de álcool, uso de drogas, violência, comportamento antissocial) (Benson et al., 2011). A abordagem dos recursos desenvolvimentais postula em sua base teórica um conjunto de oportunidades, experiências e suporte que podem favorecer o DJP. Esses fatores são fundamentados em pesquisas relacionadas à promoção do sucesso escolar, redução do comportamento potencializadores de risco e aumento dos resultados com valor social, incluindo comportamentos pró-socias como liderança e resiliência (Benson et al., 1999; Benson et al., 2011).

A noção dos recursos desenvolvimentais foi introduzida em 1990 em um modelo que consistia em 30 recursos desenvolvimentais, organizados em seis categorias relacionadas a uma variedade de indicadores de bem-estar. Com a continuidade das atividades de pesquisa desenvolvidas em 1996, este modelo foi revisado e chegou em sua forma atual com 40 recursos desenvolvimentais (Benson et al., 1999). Os primeiros 20 recursos desenvolvimentais, intitulados de recursos externos ou valores externos (Macêdo & Kublikowski, 2009) focam em experiências positivas e oportunidades que a juventude recebe das instituições e das pessoas no seu contexto. Eles emergem por meio da contínua exposição a interações formais e informais, e são reforçados por uma ampla rede de instituições comunitárias (Benson et al., 1998). Os recursos externos são agrupados em quatro categorias, são elas: (1) suporte, referente ao fato de que os/ jovens precisam vivenciar experiências de acolhimento, cuidado, amor de suas famílias, instituições, organizações e de outras pessoas; (2) empoderamento, referente aos

jovens precisarem se sentir valorizados em seu papel na comunidade, assim como ter oportunidades para poder contribuir com esta. Para que isto ocorra, os jovens precisam se sentir seguros; (3) limites e expectativas, referente à necessidade de os jovens saberem o que é esperado deles ao serem apresentados às normas, de forma a serem guiados a identificar comportamentos que estão "nos limites" ou "fora dos limites e (4) uso construtivo do tempo, referente ao fato de que os jovens precisam nutrir oportunidades de crescimento e desenvolvimento em atividades criativas, em programas juvenis, em envolvimento congregacional e na qualidade do tempo gasto em casa (Benson et al., 1999). Já os outros 20 recursos desenvolvimentais, os recursos internos ou valores internos (Macêdo & Kublikowski, 2009) são competências, habilidades e autopercepções que os/as jovens desenvolvem gradualmente através do tempo e que guiam suas escolhas no seu caminho progressivo para a auto regulação (Benson et al., 1998). Estes também são agrupados em quatro categorias: (1) comprometimento com o aprendizado, caracterizado pela construção da curiosidade intelectual, habilidades para se obter novos conhecimentos e o aprendizado por meio de experiências; (2) valores positivos, definido como uma "bússola interna" que guia as prioridades e tomada de decisão da juventude. Os primeiros valores positivos são pró-sociais e envolvem o cuidado aos semelhantes e ao mundo, enquanto que os 4 restantes enfocam em características pessoais; (3) competências sociais, que são habilidades pessoais, as quais fornecem para os jovens as ferramentas que eles precisam para viverem com seus valores, crenças e prioridades; e (4) identidade positiva, foca na visão que a juventude tem de si mesma, seu senso de poder, propósito, valor e promessas (Benson et al., 1999). Juntos, os recursos internos e externos podem promover a força necessária para que jovens possam superar desafios e problemas que ameaçam seu bem-estar. As comunidades podem garantir que a juventude tenha recursos externos, todavia, os recursos internos não ocorrem simplesmente;

eles se desenvolvem, de forma lenta e mais complexa e resultam de numerosas experiências (Benson et al., 1998).

Em estudo realizado no Gana, Quênia e África do Sul, três países do contexto da África Subsaariana, utilizando como construto principal os Recursos Desenvolvimentais (Adams et. al, 2018), observou-se a variabilidade que o contexto pode exercer nos indicadores destes recursos. Os resultados demonstram que as diferenças contextuais entre os três países têm impactado o desempenho acadêmico juvenil e que os esforços direcionados para o desenvolvimento da juventude nos contextos da África Subsaariana não estão direcionando adequadamente para o cultivo de recursos externos, o que fez com que estes jovens apresentassem uma quantidade destes recursos abaixo da desejada (Adams et. al, 2018). No Brasil, Macêdo & Kublikowski (2009) indicam que os jovens paulistanos percebem pouco apoio e suporte, falta de oportunidades para crescimento social e pessoal, falta de valorização social e déficits na construção de valores, limites e competências sociais (Macêdo & Kublikowski, 2009). Estes resultados apontam o cenário de vulnerabilidade na adolescência mantida e ampliada por fatores como gênero, idade, relações sociais e vulnerabilidade social. Estes autores apontam uma realidade similar à da África Subsaariana ao terem encontrado uma presença muita baixa de recursos desenvolvimentais externos e internos no jovem paulistano.

A literatura inicial envolvendo os recursos desenvolvimentais (Benson, 1990; Benson et al., 1999; Benson et al., 1998) já apontava que quanto maior o número de recursos, maiores os resultados positivos no desenvolvimento para os jovens, incluindo aquele que estão em situação de vulnerabilidade devido a outros riscos (ex., uso de álcool e outras drogas, sexo desprotegido, etc.) e desafios em suas vidas (ex., pobreza, violência física, psicológica, estrutural, etc.). Na China (Chen et al., 2019), adolescentes com planejamentos e metas a longo prazo e com considerável adaptação a um ambiente institucional estável tendem a apresentar mais recursos desenvolvimentais do que adolescentes que estão em um contexto com alta taxa de mudança e

caracterizado por comportamentos oportunistas (ex., competitividade) dos seus integrantes. Já no contexto europeu, os recursos desenvolvimentais se apresentaram de forma bastante específica. Em estudo realizado na Noruega, Turquia e Itália (Wiium et al., 2019), a maioria dos participantes havia experimentado vários dos recursos desenvolvimentais, embora os recursos internos tenham sido relatados com mais frequência do que os recursos externos. Diferenças contextuais entre os três países foram encontradas, nas quais jovens na Noruega e na Turquia relataram mais recursos do que seus vizinhos italianos. Outro ponto significante nesta análise foram o uso das variáveis gênero e nível educacional dos pais para analisar o funcionamento dos recursos. Uma interação entre país e gênero revelou que as meninas na Noruega relataram o maior número de recursos desenvolvimentais. Além disso, os/as participantes da Itália que possuem pais com nível educacional mais elevado relataram a maior parte dos recursos que envolvem um uso construtivo do tempo (Wiium et al., 2019).

Identificar recursos desenvolvimentais permite que se reflita sobre os inúmeros fatores que influenciam o processo de desenvolvimento humano (Benson et al., 1999). Aumentar a quantidade de recursos que a juventude experiencia, potencializa as chances dos jovens prosperarem, mas não garante que os jovens abandonem comportamentos potencializadores de risco. Fatores como a genética, temperamento, trauma e diferenças individuais estão interconectados nesta operação e também exercem sua influência (Benson et al., 1999).

Os recursos desenvolvimentais são constituídos de cinco elementos fundamentais: (1) recursos externos: cercar toda a juventude com redes de cuidado, suporte e controle; (2) recursos internos: nutrir junto com os jovens os tipos de comprometimentos positivos, valores e competências sociais necessários para um desenvolvimento saudável; (3) déficits: isolar a juventude do abuso, negligência, indiferença, pobreza e fome; (4) comportamento pró-social: promover encorajamento para um envolvimento gratificante e pessoal em ajudar os outros; e (5) comportamento potencializadores de risco: prevenir o comprometimento da saúde e

escolhas comportamentais com risco para o futuro como agressão e violência, uso de drogas ilícitas, comportamento antissocial, envolvimento em roubos e furtos, dirigir alcoolizado, depressão e suicídio, etc. (Benson, 1990; Benson & Scales, 2009; Pellant, 2010). A abordagem dos recursos atribui papéis e responsabilidades importantes a vários contextos sociais em que a juventude está presente (Benson et al., 2013). É preciso identificar e compreender as forças sociais e econômicas significantes que afetam esses contextos de desenvolvimento para a geração de políticas públicas. Afinal, uma mudança exige extraordinário comprometimento para além dos jovens e crianças, inclui múltiplos setores como o governo, organizações que prestam serviço a juventude, da comunidade e de instituições religiosas (Benson, 1990; Benson et al., 1998; Benson, 2007).

**Os 5Cs**

A promoção do DJP, além de enfocar as relações sociais, requere políticas e programas que desenvolvam habilidades (ex., autoeficácia, pensamento crítico, habilidades sociais, etc.), promovam a capacidade dos jovens de aplicar essas habilidades e aprimorem a sua capacidade de autorregular suas ações para o alcance de metas; além de melhorar os recursos contextuais (Geldholf et al., 2015; Roth & Brooks-Gunn, 2010). Nesse sentido, programas juvenis têm oferecido um caminho para aumentar a exposição dos jovens a contextos positivos do desenvolvimento (Roth & Brooks-Gunn, 2010).

O *4-H* é uma rede de organizações de jovens financiada pelo *National 4-H Council*, sediada nos EUA, e tem como missão envolver os jovens para alcançar seu pleno potencial enquanto avançam no campo do desenvolvimento. Esta rede de organizações influenciou diretamente a perspectiva do DJP. Com início em 2002 e conclusão entre 2008/2009, a organização realizou um estudo, projetado para acompanhar jovens durante a segunda década de vida e examinar

suas trajetórias de desenvolvimento. O estudo marcou a perspectiva do DJP ao fornecer o suporte empírico primário para a criação do modelo dos 5Cs. Usando dados da primeira onda (Grau 5) do estudo, Lerner et al. (2005) propuseram e testaram uma forma de mensuração do desenvolvimento positivo em cinco construtos, cada um representando um dos Cs: Competência, Confiança, Caráter, Conexão e Cuidado (Lerner et al., 2005).

Cada C do DJP descreve mais do que um recurso pessoal (Geldholf et al., 2019), eles descrevem uma interseção entre os jovens e o seu contexto e enfatizam características que fazem parte do desenvolvimento positivo. A Competência implica, acima de tudo, saber navegar nos diversos contextos (ex., escolas, locais de crença, família, grupos de pares, programas extracurriculares, locais de trabalho, etc.) a fim de alcançar objetivos; a Confiança, originada através do êxito em navegar pelos contextos, faz com que o/a jovem acredite que pode superar obstáculos e que ele/a tem um impacto significativo no mundo ao seu redor; o Caráter pressupõe a internalização e respeito às leis e normas sociais, bem como as manifestações comportamentais desse código moral; o Cuidado significa que, para além de agir nos próprios interesses, os jovens são empáticos/as e acreditam que é importante cuidar das pessoas e do contexto ao seu redor; e a Conexão que resulta quando os jovens são valorizados e são membros integrais de suas comunidades, permitindo que os jovens melhorem as suas vidas e as vidas das pessoas ao seu redor (Geldholf et al., 2015; Geldholf et al., 2019).

Os 5Cs ocorrem quando há um alinhamento no desenvolvimento entre os pontos fortes (ex.: potencial de desenvolvimento e plasticidade) com recursos desenvolvimentais (ex.: recursos externos: suporte, empoderamento, laços e expectativas, e uso construtivo do tempo; e recursos internos: comprometimento com o aprendizado, valores positivos, competências sociais e identidade positiva) (Benson, 2007). Jovens que vivem com os 5Cs incorporados em suas vidas, desenvolverão como resultado desta integração um sexto C (Lerner, 2005). Este é nomeado como Contribuição para si, para a família, para a comunidade e para as instituições

da sociedade civil. Quando os jovens acreditam que podem contribuir para si e para o seu contexto, evidenciam-se avanços adicionais em seu próprio desenvolvimento positivo e no seu seu engajamento civil (Lerner et al., 2005). Estudos apontam que jovens com alto índice de integração entre recursos individuais e do contexto, apresentarão mais comportamentos saudáveis (Crocetti et al., 2014; Holsen et al., 2017; Sorhaindo et al., 2016). Na Noruega, a presença dos Cs da Competência, Confiança e Conexão se mostraram de particular importância para adolescentes se perceberem como satisfeitos/as e empoderados/as no ambiente escolar (Holsen et al., 2017). Na Lituânia, um estudo sobre os 5Cs apontou que as estratégias sociocognitivas que os indivíduos preferem adotar no processamento, estruturação, utilização e revisão de informações afetam o desenvolvimento positivo da juventude (Crocetti et al., 2014). Isto porque jovens com um estilo autorreflexivo e avaliativo apresentaram altos níveis dos 5Cs e engajamento cívico. Em contrapartida jovens mais propensos a adotarem normas e valores de outras pessoas, relataram pontuações moderadas a altas nos 5Cs, mas baixas taxas de engajamento cívico; e jovens que procrastinam suas decisões  pontuaram baixo nos 5Cs e no engajamento cívico, respectivamente (Crocetti et al., 2014). Isso indicou que, além dos fatores contextuais referentes a recursos externos ao indivíduo, aspectos subjetivos característicos dos recursos internos exercem sua influência. Logo, um desenvolvimento saudável e próspero só ocorre como parte de relações mutuamente benéficas entre os indivíduos e seus contextos únicos (Lerner, 2005; Crocetti et al., 2014; Geldholf et al., 2019). Além disso, a presença de adultos que ofereçam algum tipo de suporte para enfrentar desafios, também se mostra como fator influente em todo o processo (Sorhaindo et al., 2016). Isto é o que mostra estudo realizado por Sorhaindo et al. (2016) com participantes de um programa de prevenção à gravidez. Neste estudo, apesar das adolescentes não terem experimentado o programa de uma forma que pudesse desenvolver os 5Cs, a conexão com alguns facilitadores e conselheiros

promoveram uma experiência acolhedora, se tornando fontes confiáveis de orientação para estas adolescentes.

Apesar dos estudos sobre os 5Cs possuírem boas propriedades psicométricas e boa consistência interna (Bowers et al., 2010), aplicações em diferentes ambientes, contextos e indivíduos se tornam necessárias para a adição de validação. Parte-se da premissa fundamental de que a compreensão dos diversos contextos ao redor do mundo, seja no pensar a pesquisa ou coleta de dados, é fator crucial para esta abordagem ter validade ecológica (Bronfenbrenner, 1977).

**O contexto juvenil brasileiro**

No Brasil, os jovens (15 a 29 anos) correspondem a um quarto da população total do país, somando 51,3 milhões de indivíduos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2012). Este grupo tem papel significativo na movimentação de setores educacionais, culturais, artísticos e políticos, além de contribuir ativamente no mercado laboral, sendo grande parte do setor qualificado. O processo de criação das políticas públicas e o sucesso dos seus indicadores nos últimos 20 anos, como a redução das desigualdades, combate à pobreza e fomentos à educação, trouxeram uma nova perspectiva de desenvolvimento para jovens e jovens adultos. Programas relacionados à inserção/manutenção no mercado laboral e voltados à formação educacional técnica e acadêmica (ex.: PRONATEC e Jovem Aprendiz) e de formação superior (ex.: ProUni, Fies e Política de Cotas) ajudaram a estabelecer um campo fértil para a juventude brasileira.

Há um maior distanciamento de jovens no mercado de trabalho a nível global (Franca & Corseuil, 2020) e nacional. No Brasil, esse número é cada vez maior devido à falta de oportunidade de jovens encontrarem e se estabilizarem em um emprego (Corseuil et al.,

2014). Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018) apontam que as taxas de desemprego na juventude chegam a 25% (18 a 24 anos). As dificuldades encontradas por mulheres jovens, população jovem negra e outros grupos minoritários expõem ainda mais a vulnerabilidade que se encontram jovens brasileiros, sujeitos a empregos com menor remuneração e piores condições de trabalho (Franca & Corseuil, 2020). Para os que ingressam em Instituições de Ensino Superior (IES), a realidade não é diferente. Apesar da ampliação das IES nos últimos 20 anos, a entrada no contexto universitário não tem se apresentado como forte mobilizador para o DJP. Relatos sobre dificuldades de relacionamento interpessoal, seja com colegas de sala ou com os próprios familiares, dificuldades de adaptação à realidade acadêmica ou dificuldades relativas à saída de sua cidade de origem acabam por desvelar intenso sofrimento na condição de ser estudante universitário/a (Silva & Azevedo, 2018). Nesse sentido, é preciso pensar estratégias que possam superar dificuldades nos campos acadêmico e laboral, as quais viabilizem intervenções que fomentem um desenvolvimento positivo e revertam os baixos níveis de recursos desenvolvimentais encontrados no Brasil (Macêdo & Kublikowski, 2009).

Em estudo realizado com jovens paulistanos, evidenciou-se que muito além da condição social e da comunidade em que vivem, os jovens apresentaram um número médio de recursos desenvolvimentais abaixo do desejado (Macêdo & Kublikowski, 2009). Um resultado preocupante para o desenvolvimento saudável de jovens neste contexto, já que os primeiros estudos envolvendo os recursos desenvolvimentais (Benson, 1990; Benson et al., 1998; Benson et al., 1999) já apontavam que os mesmos são cumulativos, ou seja, quanto maior o número de recursos, maiores os resultados para os jovens, incluindo aqueles que estão em situação de vulnerabilidade devido a riscos e desafios que enfrentam em suas vidas.

O DJP se apresenta como uma perspectiva para investigar novos processos e desafios pelos quais jovens e jovens adultos/as passam, principalmente, em momentos de instabilidade. A

agenda global contemporânea traz desafios que afetam a vida dos jovens, como o ingresso no mercado de trabalho, manutenção dos estudos universitários, problemas de saúde mental. Num cenário hostil (ex., concorrência, contextos ansiogênicos, vulnerabilidade social, etc.), jovens podem se sentir desassistidos e negligenciados, o que representa um momento de vulnerabilidade e pode trazer consequências a longo prazo (ex., recursos desenvolvimentais abaixo do desejado, vivência de situações de risco) (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2018; Macêdo & Kublikowski, 2009). Já foi observado que fatores do contexto brasileiro como conexão com a comunidade, com a família e com as instituições educacionais são potenciais que contribuem ativamente com um desenvolvimento saudável e que contempla as perspectivas apresentadas pelo DJP, fomentando recursos ecológicos que promovem aumento do senso de autoestima e de autoeficácia **(**Dutra-Thomé et. al., 2019). Esta tese é reforçada pelo estudo de Tirrel et al. (2019), realizado em El Salvador, o qual indicou que programas que promovem ações voltadas para as potencialidades juvenis e o desenvolvimento positivo promoveram níveis mais altos de espiritualidade e esperança na juventude que vive na pobreza. Estes resultados reforçam a oportunidade e meios que cientistas e a sociedade têm, por meio do DJP, de nutrir um desenvolvimento da juventude envolvida em papéis significativos, os quais viabilizem recursos que podem ser determinantes para o desenvolvimento juvenil (Tirrel et al., 2019).

## Considerações Finais

O DJP pode viabilizar a formulação de intervenções que visem mudar a relação pessoa ↔ contexto, fornecendo recursos no próprio contexto em que os jovens estão inseridos, a fim de que estes desenvolvam maneiras saudáveis e positivas (Lerner & Overton, 2008). Além disso, o desenvolvimento humano envolve as funções de um sistema vivo, aberto, autoconstruído,

auto-organizado e integrado/holístico, portanto, necessita ser visto em sua totalidade, bem como as funções que cada sistema representa na composição deste todo (Lerner & Chase, 2019). Em países emergentes, como o Brasil, esta dinâmica se torna ainda mais evidente, visto os diferentes contextos e experiencias de vulnerabilidade vivenciadas pela juventude. Nesse sentido, a compreensão dos efeitos que o contexto brasileiro tem no desenvolvimento é fundamental para a implementação de intervenções, as quais podem ser facilitadas pelo DJP. O DJP pode ser uma estratégia efetiva para a redução de comportamentos potencializadores de risco presentes em contextos de vulnerabilidade (ex.: violência, uso de drogas, etc.) que acometem os jovens brasileiros. É preciso entender como as conexões (ex., familiar, comunitários, instituições, etc.) fundamentais para o desenvolvimento humano tem ocorrido na juventude brasileira e quais são os efeitos desta relação nos jovens e no seu engajamento nos papeis sociais. Um dos cenários que podem se caracterizar como palco para os recursos desenvolvimentais é o contexto universitário brasileiro, visto a possibilidade deste ambiente de despertar e aperfeiçoar o DJP. O próximo capítulo nos direciona para este horizonte do desenvolvimento, por meio de dados empíricos.

## Referências

Adams, B. G., Wiium, N., & Abubakar, A. (2019). Developmental Assets and Academic Performance of Adolescents in Ghana, Kenya, and South Africa. *Child & Youth Care Forum*, *48*(2), 207–222. https://doi.org/10.1007/s10566-018-9480-z.

Arbeit, M. R., Johnson, S. K., Champine, R. B., Greenman, K. N., Lerner, J. V., & Lerner, R. M. (2014). Profiles of Problematic Behaviors Across Adolescence: Covariations with Indicators of Positive Youth Development. *Journal of Youth and Adolescence*, *43*(6), 971–990. https://doi.org/10.1007/s10964-014-0092-0.

Benson, P. L. (1990). The trouble journey: A portrait of 6th-12th grande youth. Minneapolis, Minn.: Search Institute.

Benson, P. L. (2007). Developmental Assets: An Overview of Theory, Research, and Practice. In *Approaches to Positive Youth Development* (p. 33–58). https://doi.org/10.4135/9781446213803.n2.

Benson, P. L., Leffert, N., Scales, P. C., & Blyth, D. A. (1998). Beyond the "Village"Rhetoric: Creating Healthy Communities for Children and Adolescents. *AppliedDevelopmental Science*, *16*(1), 3–23. https://doi.org/10.1080/10888691.2012.642771

Benson, P. L., Scales, P. C., Leffert, N., Roehlkepartain, E. C. (1999). *A fragile foundation: The state of developmental assets among American youth*. Minneapolis, Minn.: Search Institute.

Benson, P. L., Scales, P. C., & Syvertsen, A. K. (2011). The contribution of the developmental assets framework to positive youth development theory and practice. In *Advances in child development and behavior, Vol 41: Positive youth development.* (p. 197–230). Elsevier Academic Press.

Benson, P. L., Mannes, M., Pittman, K., & Ferber, T. (2013). Youth Development, Developmental Assets, and Public Policy. In R. M. Lerner & L. Steinberg (Orgs.), *Handbook of Adolescent Psychology* (p. 781–814). John Wiley & Sons, Inc. https://doi.org/10.1002/9780471726746.ch25

Bowers, E. P., Li, Y., Kiely, M. K., Brittian, A., Lerner, J. V., & Lerner, R. M. (2010). The Five Cs Model of Positive Youth Development: A Longitudinal Analysis of Confirmatory Factor Structure and Measurement Invariance. *Journal of Youth and Adolescence*, *39*(7), 720–735. https://doi.org/10.1007/s10964-010-9530-9.

Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, *32*(7), 513–531. https://doi.org/10.1037/0003-066X.32.7.513.

Bronfenbrenner, U. (1998). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Chen, B.-B., Wiium, N., & Dimitrova, R. (2019). A Life History Approach to Understanding Developmental Assets Among Chinese Adolescents. *Child & Youth Care Forum*, *48*(2), 155–169. https://doi.org/10.1007/s10566-017-9433-y.

Corseuil, C. H., Foguel, M., Gonzaga, G., Ribeiro, E. P.(2014). A rotatividade dos jovens no mercado de trabalho formal brasileiro. *Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros.* Ipea. 157-173.

Crocetti, E., Erentaitė, R., & Žukauskienė, R. (2014). Identity styles, positive youth development, and civic engagement in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, *43*(11), 1818–1828. https://doi.org/10.1007/s10964-014-0100-4

Dutra-Thomé, L., DeSousa, D., & Koller, S. H. (2019). Promotive and Risk Factors for Positive Youth Development Among Emerging Adults in Brazil. *Child & Youth Care Forum*, *48*(2), 171–185. https://doi.org/10.1007/s10566-018-9475-9

Eichas, K., Ferrer-Wreder, L., & Olsson, T. M. (2019). Contributions of Positive Youth Development to Intervention Science. *Child & Youth Care Forum*, *48*(2), 279–287. https://doi.org/10.1007/s10566-018-09486-1

Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Franca, L., Corseuil, C.H. (2020). Inserção dos jovens no mercado de trabalho em tempos de crise. In: Mercado de Trabalho: conjuntura e análise. *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA.*

Geldhof, G. J., Bowers, E. P., Mueller, M. K., Napolitano, C. M., Callina, K. S., Walsh, K. J., Lerner, J. V., & Lerner, R. M. (2015). The five Cs model of positive youth development. In *Promoting positive youth development: Lessons from the 4-H study.* (p. 161–186). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-17166-1_9

Geldhof, G. J., Larsen, T., Urke, H., Holsen, I., Lewis, H., & Tyler, C. P. (2019). Indicators of positive youth development can be maladaptive: The example case of caring. *Journal of Adolescence*, *71*, 1–9. https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2018.11.008

Gomes, Lauren Beltrão, Bolze, Simone Dill Azeredo, Bueno, Rovana Kinas, & Crepaldi, Maria Aparecida. (2014). As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. Pensando familias, 18(2), 3-16. Recuperado em 23 de outubro de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200002&lng=pt&tlng=pt.

Hall, G. S. (1904). *Adolescence: Its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education*, Vol. 1. New York, NY, US: D Appleton & Company.

Holsen, I., Geldhof, J., Larsen, T., & Aardal, E. (2017). The five Cs of positive youth development in Norway: Assessment and associations with positive and negative

outcomes. *International Journal of Behavioral Development*, *41*(5), 559–569. https://doi.org/10.1177/0165025416645668.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). *Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua - PNAD* (3a ed.). Rio de Janeiro, RJ.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012). *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro, RJ.

Kozina, A., Wiium, N., Gonzalez, J.-M., & Dimitrova, R. (2019). Positive Youth Development and Academic Achievement in Slovenia. *Child & Youth Care Forum*, *48*(2), 223–240. https://doi.org/10.1007/s10566-018-9457-y.

Lerner, R. M. (2005, Setembro). *Promoting positive youth development: theoretical and empirical bases*. (2005). Texto preparado para o Workshop on the Science of Adolescent Health and Development, National Research Council/Institute of Medicine. Washington, DC: National Academies of Science. Recuperado em 05 abril, 2019, em https://ase.tufts.edu/iaryd/documents/pubPromotingPositive.pdf.

Lerner, R. M. (2011). The positive development of youth: Report of the findings from the first seven years of the 4-H study of positive youth development. Institute for Applied Research in Youth Development. Tuffs University, National 4-H Council.

Lerner, R. M., Lerner, J. V., Almerigi, J. B., Theokas, C., Phelps, E., Gestsdottir, S., … von Eye, A. (2005). Positive Youth Development, Participation in Community Youth Development Programs, and Community Contributions of Fifth-Grade Adolescents: Findings From the First Wave Of the 4-H Study of Positive Youth Development. *The Journal of Early Adolescence*, *25*(1), 17–71. https://doi.org/10.1177/0272431604272461.

Lerner, R. M., & Chase, P. A. (2019). Enhancing Theory and Methodology in the International Study of Positive Youth Development: A Commentary. *Child & Youth Care Forum*, *48*(2), 269–277. https://doi.org/10.1007/s10566-018-9485-7

Lerner, R. M., & Overton, W. F. (2008). Exemplifying the Integrations of the Relational Developmental System: Synthesizing Theory, Research, and Application to Promote Positive Development and Social Justice. *Journal of Adolescent Research*, *23*(3), 245–255. https://doi.org/10.1177/0743558408314385

Macedo, R. M. S. de, & Kublikowski, I. (2009). Valores positivos e desenvolvimento do adolescente: Perfil de jovens paulistanos. *Psicologia Em Estudo*, *14*(4), 689–698. https://doi.org/10.1590/S1413-73722009000400009.

Roth, J. L., & Brooks-Gunn, J. (2003). What Exactly Is a Youth Development Program? Answers From Research and Practice. *Applied Developmental Science*, *7*(2), 94–111. https://doi.org/10.1207/S1532480XADS0702_6

Scales, P. C., Benson, P. L., Leffert, N., & Blyth, D. A. (2000). Contribution of Developmental Assets to the Prediction of Thriving Among Adolescents. *Applied Developmental Science*, *4*(1), 27–46. https://doi.org/10.1207/S1532480XADS0401_3

Silva, M. V. M. da, & Azevedo, A. K. S. (2018). Um olhar sobre o Suicídio: Vivências e experiências de estudantes universitários. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, 7(3), 400. doi: 10.17267/2317-3394rpds.v7i3.1908

Sifuentes, T. R., Dessen, M. A., & Oliveira, M. C. S. L. de. (2007). Desenvolvimento humano: Desafios para a compreensão das trajetórias probabilísticas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *23*(4), 379–385. https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000400003

Sorhaindo, A., Mitchell, K., Fletcher, A., Jessiman, P., Keogh, P., & Bonell, C. (2016). Young women's lived experience of participating in a positive youth development programme: The "teens & toddlers" pregnancy prevention intervention. *Health Education*, *116*(4), 356–371. https://doi.org/10.1108/HE-01-2015-0002

Souza, A, L. De., Dutra-Thomé, L., Dei Schiró, E. D. B., &Morais, C. de A., Koller, S. H. (2011). Criando contextos ecológicos de desenvolvimento e direitos humanos para

adolescentes. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, *21*(49), 273-278. https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200015

Tirrell, J. M., Geldhof, G. J., King, P. E., Dowling, E. M., Sim, A. T. R., Williams, K., … Lerner, R. M. (2019). Measuring Spirituality, Hope, and Thriving Among Salvadoran Youth: Initial Findings from the Compassion International Study of Positive Youth Development. *Child & Youth Care Forum*, *48*(2), 241–268. https://doi.org/10.1007/s10566-018-9454-1

Wiium, N., Dost-Gözkan, A., & Kosic, M. (2019). Developmental Assets Among Young People in Three European Contexts: Italy, Norway and Turkey. *Child & Youth Care Forum*, *48*(2), 187–206. https://doi.org/10.1007/s10566-018-9446-1

# - CAPÍTULO II –

Recursos desenvolvimentais e desenvolvimento juvenil positivo em universitários/as brasileiros/as

**Resumo:** O Desenvolvimento Juvenil Positivo - DJP (Positive Youth Development - PYD) descreve uma interseção entre os/as jovens e o seu contexto, enfatizando características que fazem parte de um desenvolvimento saudável. Os 5Cs do DJP ocorrem quando há um alinhamento entre características individuais saudáveis e os recursos contextuais. Este estudo investigou a presença dos 5Cs do DJP em estudantes universitários/as e se estas medidas poderiam variar de acordo com a percepção das conexões (familiar, comunitária, acadêmica), saúde mental e vivência de eventos estressores. Participaram desta pesquisa 495 estudantes universitários/as brasileiros/as com idades entres 18 e 33 anos, que responderam a um questionário com 59 questões sobre comportamentos reflexivos, construtivos e saudáveis do desenvolvimento. Os resultados enfocam no papel que a família, comunidade e instituição de ensino têm na promoção dos 5C's, evidenciando contribuições significativas na construção de estratégias protetivas no enfrentamento de eventos estressores e promoção a saúde e bem-estar. A análise de dados enfatiza o contexto universitário brasileiro e seus desdobramentos na ecologia desenvolvimental dos/as jovens.

*Palavras-chave:* desenvolvimento juvenil positivo; universidade; juventude

O DJP é uma perspectiva teórica acerca da potência que as relações apoiadoras e mutuamente benéficas entre jovens e contexto desempenham no desenvolvimento (Lerner, 2005). Nestas interações, a mudança é tanto uma consequência, quanto uma causa de processos desenvolvimentais (Bronfenbrenner, 1998). Isso revela que a trajetória dos/as jovens durante o desenvolvimento não é fixa e pode ser significativamente influenciada por fatores em suas casas, escolas, trabalho e comunidades (Lerner, 2011). Nesse sentido, a mudança, irá emergir por meio das diferenças individuais de cada jovem e do ambiente onde este/a está inserido/a. Afinal, nem todo/a jovem vivencia as transições desenvolvimentais da mesma forma, na mesma velocidade ou com resultados iguais (Lerner, 2005). Além de considerar a construção identitária juvenil, bem como a sua participação efetiva na comunidade cívica (Crocetti et al., 2014), o DJP considera a família, a comunidade e a instituição de ensino na oferta, manutenção e potencialização de recursos individuais e contextuais saudáveis que proporcionem e intermedeiem um desenvolvimento positivo (Bowers et al., 2010; Copetti & Krebs, 2004).

No presente estudo, será investigado o contexto desenvovimental de jovens universitários a partir da análise das associações entre os 5Cs do DJP (ver Capítulo 1) e três variáveis, duas classificadas como recursos externos, nomeadamente (1) conexões dos jovens com a família, a instituição de ensino e a comunidade, e (2) exposição a eventos estressores; e uma variável classificada como recurso interno, nomeadamente a (3) saúde mental positiva.

Em 2005, Lerner et al. propuseram e testaram um modelo de mensuração do DJP em cinco construtos latentes, cada um representando um dos C’s: Competência: (habilidades intelectuais e de comportamento); Confiança (senso de auto eficácia e auto validação); Caráter (integridade, senso de certo e errado e valores morais); Conexão (laços positivos com pessoas e instituições), e Cuidado (empatia e simpatia) (Lerner, 2005). Jovens que vivem com os 5 Cs incorporados em suas vidas, desenvolverão como resultado desta integração um sexto C (Lerner, 2005). Este

é nomeado como Contribuição para si, para a família, para a comunidade e para as instituições da sociedade civil.

Visando compreender a diversidade cultural e social experenciada pela juventude, bem como sua influência e intensidade, pesquisadores têm se engajado na produção e aplicação dos aspectos do DJP em diferentes contextos ao redor do mundo (Adams et al., 2019; Dutra-Thomé et al., 2019; Kozina et al., 2019; Tirrell et al., 2019; Wiium et al., 2019). Estes estudos têm se fundamentado em temas como performance acadêmica, espiritualidade e esperança em jovens, fatores de risco e proteção entre jovens adultos/as, além de fatores contextuais de cada país.

No Brasil, pesquisadoras como Dutra-Thomé et al. (2019) e Macêdo & Kublikowski (2009), deram o pontapé inicial para se pensar o DJP em jovens e jovens adultos/as no contexto brasileiro, bem como problematizar os efeitos que o contexto, principalmente de países emergentes, pode exercer nos indicadores do DJP. No estudo de Macêdo & Kublikowski (2019) foi observado que os jovens paulistanos não possuíam uma percepção favorável acerca do acolhimento, apoio e valorização nas relações que mantem com a comunidade e com outros grupos (ex., família, instituições); bem como sentiam a falta de oportunidades para o desenvolvimento de liderança e construção de competências sociais. Este resultado apontou um número muito baixo de recursos desenvolvimentais na juventude, sendo necessária a construção de estratégias que viabilizem a promoção de saúde, as quais poderiam se basear no desenvolvimento destes recursos desenvolvimentais. Essas estratégias podem ser pensadas com base nos resultados encontrados por Dutra-Thomé et al. (2019). Este estudo revelou que níveis elevados de conexão com a família, comunidade e instituição educacional estiveram associados com índices mais elevados de autoestima e autoeficácia e inferiores de envolvimento em comportamentos antissociais. Estes dois estudos apontam que, ainda que num cenário hostil e vulnerável (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2018; Macêdo & Kublikowski, 2009), como o de países em desenvolvimento, produzir estratégias que

promovam um sentimento de pertencimento, comunicação, apoio e confiança entre os membros da família, comunidade e/ou instituição de ensino são potencialidades que contribuem ativamente com um desenvolvimento saudável e que contemplam um desenvolvimento positivo **(**Bowers et al., 2010; Dutra-Thomé et. al., 2019; Lee & Suzanne-Horsley, 2017).

No que concerne à saúde mental dos jovens, estudos têm confirmado que o desenvolvimento de relações acolhedoras e mutuamente benéficas, bem como a construção de um senso de participação e contribuição têm sido eficazes na sensação de bem-estar psicológico face às dificuldades, a promoção à saúde e a predição de transtornos mentais (Fonte et al., 2016; Milistetd et al., 2021; Schotanus-Dijkstra et al., 2021). Schotanus-Dijkstra et al. (2021) nos forneceram evidências longitudinais que apontam que o bem-estar mental previne a primeira incidência de transtornos mentais, além de desempenhar um papel protetor no desenvolvimento de qualquer transtorno do DSM-IV. A idade também parece contribuir para níveis mais elevados de saúde mental positiva, uma vez indivíduos mais novos apresentaram índices mais altos de saúde mental positiva (Fonte et al.,2016; Milistetd et al., 2021). Uma hipótese para tais achados é levantada por Milistetd et al. (2021), em estudo com jovens atletas brasileiros (ex., nadadores, judocas, tenistas, jogadores de basket, etc.), que indicam que este fenômeno pode estar relacionado ao menor nível de pressão que os atletas mais jovens (10 a 13 anos) recebem, pois estão em estágios desenvolvimentais diferenciados, com menos treinamento, menos demandas de competição e expectativas de desempenho mais baixas. Resultado corroborado por Fonte et al. (2016) que apontam que indivíduos mais novos (18-25 anos) apresentam melhor saúde mental e bem-estar, assim como melhor bem-estar quando comparados com os mais velhos (26-30 anos).

A promoção de fatores de bem-estar mental (ex., propósito na vida, autoaceitação, crescimento pessoal) e bem-estar social (ex., aceitação social, contribuição social) podem ser

uma estratégia de saúde pública para prevenir doenças mentais como ansiedade, depressão, etc. (Schotanus-Dijkstra et al., 2021). Esses fatores são encontrados por meio das interações sociais que ocorrem em todos os contextos (ex., familiar, comunitário, escolar, etc.) em que os jovens estão inseridos. Consequentemente, é esta influência combinada que deve ser considerada quando pensamos o desenvolvimento juvenil (Benson et al., 1999; Lerner, 2005; Milistetd et al., 2021). No caso de jovens brasileiros que praticam esportes, independentemente do tipo de esporte que praticam, o desenvolvimento psicossocial e a saúde mental têm mais a ver com a promoção de experiências esportivas de qualidade fornecidas por pessoas que cuidem dos jogadores como um todo e não apenas como atletas (Milistetd et al., 2021). Para além do esporte, o desenvolvimento e manutenção deste tipo de experiência (ex., pedir ajuda, expressar sentimentos, escutar empaticamente, iniciar e manter conversações, contato visual, entonação e volume da voz, etc.) entre indivíduos, já foi apontado por Pereira et al. (2016) como uma possibilidade para auxiliar os indivíduos a lidarem com diversos problemas, além de construir uma rede de apoio e proteção, principalmente, em casos em que não se consegue lidar sozinho com seus problemas.

No que tange a eventos estressores, estes configuram um tensionamento que sobrecarrega os indivíduos e impossibilita o desenvolvimento de funções adaptativas para lidar com esta adversidade (Kristensen et al., 2010). A exposição a eventos estressores (ex.: abuso sexual, violência, fome, desemprego, etc.) pode dificultar que os jovens lidem com as demandas e expectativas sociais que lhe depositam e podem afetar sua saúde mental. Por exemplo, a perda do emprego configura um evento estressor associado a níveis mais elevados de psicopatologia (ex., depressão, de ansiedade, estresse, etc.) (Erikson, 1972; Erikson, 1976; Fonte et al.,2016; Kristensen et al., 2010). No caso do estudo de Kristensen et al. (2010), ainda foram observadas diferenças entre jovens do sexo masculino e feminino, nas quais, quando comparadas aos meninos, as adolescentes apresentaram níveis mais altos da percepção de impacto, assim como

maior frequência de eventos estressores referentes a relações interpessoais. Eventos estressores podem gerar resultados adversos durante o desenvolvimento juvenil (Kristensen et al., 2004; Schneider & Pacheco, 2010). Em estudo que investigou a frequência destes eventos, adolescentes consideraram de grande impacto eventos estressores relativamente pouco frequentes, como situações de privação ou diminuição de liberdade e violência sexual (Kristensen et al., 2004). Contudo, adolescentes do sexo feminino apresentaram escores de impacto mais elevados, quando comparadas a meninos, bem como maior frequência de eventos referentes a relacionamentos interpessoais. Outro estudo apontou uma maior percepção de impacto dos jovens por eventos que envolvam agressão física, verbal e/ou sexual. Identificou-se ainda uma relação entre a vivência destes eventos com condutas antissociais, falha na identificação dos jovens dos seus próprios erros e desenvolvimento de um padrão persistente de ações negativistas, hostis, vingativas e desafiadoras dos jovens à figura de autoridade (Scheneider & Pacheco, 2010).

Na busca por uma visão mais diversificada da juventude, é necessário considerarmos o impacto que a vivência de experiências positivas e/ou estressoras têm no desenvolvimento de recursos desenvolvimentais na juventude e mensurar o seu impacto no desenvolvimento. Além disso, ao medirmos este impacto, é possível se fazer a problematização dos papeis desempenhados pelos/as jovens, dos contextos frequentados por estes/as e das interações existentes entre eles (Kristensen et al., 2004; Schneider & Pacheco, 2010). É de interesse deste estudo compreender como recursos contextuais, externos e internos, podem afetar o desenvolvimento juvenil positivo em estudantes universitários/as.

**O contexto universitário brasileiro**

Um campo fértil para fomentar as potencialidades da juventude brasileira tem sido ampliado nos últimos 20 anos por meio do crescimento das Instituições de Ensino Superior (IES). Em 2017, as IES chegaram a totalizar 2.448 instituições, sendo 296 IES públicas e 2.152 privadas (Inep/MEC, 2019). A ampliação das vagas resultantes deste movimento e de programas como ProUni, Fies e da Política de Cotas (Brasil, 2001; 2005; 2012) modificaram radicalmente a quantidade de vagas e o perfil dos discentes brasileiros. Só em 2017, os ingressantes no ensino superior somaram 3.226.249 (55,2% feminino) em todo o Brasil, sendo 166.203 ingressantes que participam de programa de reserva de vagas por cotas, correspondendo a 5,2% do total geral (Inep/MEC, 2019). A idade média do ingresso na modalidade à distância tem ocorrido mais tardiamente (*M* =31,0 anos, *DP*=9,2), enquanto que na presencial tem sido mais cedo (*M*=24,1 anos, *DP*=7,4) (Inep/MEC, 2019).

Contudo, a entrada no contexto universitário pode potencializar ou não o DJP (Ambiel et al., 2016). Isto ocorre porque este momento se caracteriza como um período em que a mudança emerge significativamente para os/as jovens e fomenta transformações críticas em suas vidas (Osse & Costa, 2011). A universidade se mostra como um período de transição complexo. O curso universitário demanda do/a jovem, recorrentes adaptações na forma com que ele/ela lida com os estudos, com suas relações interpessoais no ambiente institucional e fora da instituição, bem como lidar com novos aspectos no processo de aprendizagem e transição de carreira (Ambiel et al., 2016; Teixeira et al., 2008). Logo o/a jovem deve obrigatoriamente manifestar recursos cognitivos e emocionais complexos para manejar os novos desafios fomentados por este contexto (Padovani et al., 2015). A adaptação ao ambiente universitário pode representar para o/a jovem uma fonte potencializadora de estratégias de resolução de problemas e desenvolvimento socioemocional, como pode também resultar em falhas no enfrentamento, induzir a comportamentos potencializadores de risco (ex., uso de álcool e outras drogas, sexo desprotegido, etc.) e sofrimento psíquico (Osse & Costa, 2011). Esta realidade foi explicitada

desde o primeiro estudo encomendado pelo MEC, em 1996, o qual apontou mais de 40 causas para evasão universitária (Brasil, 1996). Relatos sobre a intensa demanda de estudos, dificuldades de relacionamento interpessoal, seja com colegas de sala ou com os próprios familiares, dificuldades de adaptação a realidade acadêmica, dificuldades relativas à mudança de sua cidade de origem para outra cidade dentre outros, acaba por desvelar intenso sofrimento na condição de ser estudante universitário/a no Brasil (Silva & Azevedo, 2018).

Os jovens ainda configuram o grupo mais afetado pelo sofrimento psíquico. O suicídio é a segunda causa de morte no mundo entre pessoas de 15 a 29 anos (WHO, 2014). Constituídos por características específicas, e por estarem na transição entre adolescência e adultez, a juventude, por muitas vezes, apresenta uma cobrança interna grande, principalmente no que corresponde a percepção da vida e em como a sociedade passa a considerar este grupo (Erikson, 1972; Pereira et al., 2018).

A maior parte dos jovens universitários se encontra no período desenvolvimental designado como adultez emergente (Arnett, 2011), situado entre a adolescência e a vida adulta (18 a 29 anos). Esse período tem sido apontado como uma transição particularmente frágil para a manifestação de psicopatologias. É caracterizada por vasta instabilidade em vários campos da vida (vida amorosa, trabalho, etc.), e possui cinco pilares fundamentais: (1) constitui um momento de explorações identitárias, com destaque para a carreira e vida amorosa; (2) é caracterizado como um tempo de instabilidade, causada por mudanças continuas nas esferas sociais e institucionais; (3) tem como marcador subjetivo a ambivalência afetiva, uma vez que os jovens não se percebem mais como adolescentes e ainda não são adultos completamente independentes, mas possuem características de ambos; (4) os jovens tendem a estar mais focados em si mesmo, pois não possuem compromissos a longo prazo plenamente delineados (ex.: filhos/as e trabalho estável); e (5) constitui um campo vasto de possibilidades, uma vez que os/as jovens tendem a ser otimistas em relação ao futuro, mesmo que sua situação atual

seja difícil (Arnett, 2005). Para estes/as jovens, tornar-se adulto/a não se manifesta por meio de papeis tradicionais (ex.: casar, ter filhos/as), mas por assumir responsabilidade pelos seus atos, tomar decisões independentes e ter independência financeira (Arnett, 2011). Este conceito está relacionado, principalmente, ao contexto de classe média e alta de países industrializados, nos quais os/as jovens encontram grande liberdade para fazer escolhas e traçar metas, tais como carreira e relacionamentos (Arnett, 2005; Arnett, 2011; Dutra-Thomé & Koller, 2014). Contudo, a autonomia para explorar possibilidades, torna este grupo mais suscetível a comportamentos de risco, como o uso de drogas (Arnett, 2005). Investigar a juventude no contexto universitário brasileiro é relevante diante do potencial crítico que a entrada na vida adulta e na vida acadêmica encena no desenvolvimento humano, bem como dos elementos que afetam a saúde mental dos/as jovens universitários/as. Afinal, adentrar na universidade, além instituir socialmente que o/a jovem detém de certas habilidades que o permitiram ser aprovado no processo seletivo, envolve uma construção e organização mental para se adaptar a um novo nível de exigência no âmbito acadêmico e social (Campos et al., 2017).

Diante deste cenário, o presente trabalho tem como objetivo verificar associações entre as diferentes formas de conexão social (familiar, com membros da comunidade/bairro e contexto acadêmico), indicadores de saúde mental positiva, percepção de eventos estressores e os 5Cs do DJP (Competência, Confiança, Cuidado, Caráter e Conexão) em estudantes universitários/as matriculados/as em IES públicas e privadas no Brasil. Para tanto, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

(1) verificar associações entre os níveis de Saúde Mental Positiva e os 5Cs;

(2) verificar associações entre conexão social (familiar, com membros da comunidade/bairro e contexto acadêmico) e os 5Cs;

(3) verificar associações entre a percepção de eventos estressores e os 5Cs.

As hipóteses que nortearão este estudo serão: (1) níveis elevados de saúde mental positiva nos/as jovens universitários/as estão associados positivamente aos 5Cs; (2) níveis elevados de conexão com a universidade/faculdade estão associados positivamente aos 5Cs; (3) níveis elevados de conexão com a família estão associados positivamente aos 5Cs; (4) altos níveis de conexão com a comunidade/bairro estão associados positivamente aos 5Cs; (5) baixa percepção de eventos estressores está associada positivamente aos 5Cs.

## Método

### Delineamento

Estudo correlacional, de caráter transversal e descritivo, com desenho quantitativo. Estudos correlacionais se propõem a identificar as associações entre variáveis, não necessariamente estabelecer as relações de causa e efeito entre elas. A escolha dos participantes ocorreu por acessibilidade de estudantes de IES pública e/ou privada no Brasil que manifestaram interesse em participar da pesquisa.

Este estudo foi aprovado pelo comitê de ética do Instituto de Psicologia da UFBA sob o nº 3.025.696. Obedece às diretrizes da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), bem como os Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos (Resoluções n. 510/2016 e n. 466/2012). Aos participantes que decidiram participar do estudo foi apresentado e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Explicou-se aos participantes: a natureza do estudo, o caráter confidencial das informações compartilhadas e do processo de análise de dados.

**Participantes**

Para o tamanho da amostra, calculou-se de 5 a 10 participantes por item (Pasquali, 1999). Logo, contabilizando os 17 itens da escala do Desenvolvimento Juvenil Positivo – *Very Short Form*, que foi adaptada e validada para a cultura brasileira, foi recomendado um total de 170 participantes. A amostra ultrapassou esse número e contou com 495 estudantes universitários/as (74,5% do sexo feminino, 90,3% solteiros) (Tabela 1), com características socioeconômicas diversas, idade entre 18–33 anos (M=23,36 anos, DP=3,59), autodesignados/as de cor branca (43,2%), parda (29,7%), preta (24,6%), amarela (1,8%) e indígena (0,6%). Cerca de 51,1% da amostra residem em domicílios com 3 a 4 pessoas. No quesito pai/cuidador e mãe/cuidadora, a maioria possui formação técnica (22,2% e 26,3%, respectivamente) e compartilham a residência com os participantes (Pai = 40,8% e Mãe 63,4%).

A maioria dos estudantes (53,3%) recebem ou a família recebe algum tipo de bolsa ou auxílio (ex., bolsa alimentação, bolsa família, auxílio emergencial, bolsa de estudos, etc.). Destes, 41,6% são beneficiados/as ou tem família beneficiada pelo auxílio emergencial proposto pelo Governo Brasileiro, que tem por objetivo fornecer proteção emergencial no período de enfrentamento à crise causada pela pandemia do Coronavírus - COVID 19. Mais da metade dos/as participantes frequentam IES públicas (77,4%) e 51,7% não participam de atividades inter ou extra ambiente acadêmico (ex., diretório acadêmico, grupos ou movimentos religiosos, atividades artísticas, grupos ou movimentos políticos, trabalho voluntário, equipe esportiva, outros). Os/As estudantes estão distribuídos em todas as regiões brasileiras, sendo 60,2% do Nordeste, 22% do Sudeste, 13,3% do Sul, 2,4% do Centro-Oeste e 2% do Norte.

Tabela 1

Características sociodemográficas: sexo, estado civil, idade, status residencial e com quem mora (N = 495)

| | N | % | | N | % |
|---|---|---|---|---|---|
| Sexo | | | Mora em* | | |
| Masculino | 126 | 25,5 | Imóvel próprio | 324 | 65,5 |
| Feminino | 369 | 74,5 | Imóvel alugado | 140 | 28,3 |
| | | | Residência Universitária | 19 | 3,8 |
| | | | Albergue | 1 | 0,2 |
| | | | Outro** | 9 | 1,8 |
| Estado Civil | | | Mora com | | |
| Solteiro/a | 447 | 90,3 | Pai | 202 | 40,8 |
| Casado/a | 21 | 4,2 | Mãe | 314 | 63,4 |
| Mora junto | 22 | 4,4 | Padrasto | 24 | 4,8 |
| Divorciado/a | 4 | ,8 | Madrasta | 4 | 0,8 |
| Separado/a | | | Irmãos/ãs | 205 | 41,4 |
| | 1 | ,2 | Avô | 12 | 2,4 |
| Outro*** | | | Avó | 46 | 9,3 |
| | | | Tios/as | 22 | 4,4 |
| | | | Pais adotivos/as | 2 | 0,4 |
| | | | Filhos/as | 12 | 2,4 |
| | | | Companheiro/a | 51 | 10,3 |
| | | | Sozinho/a | 40 | 8,1 |
| | | | Amigos/colegas | 47 | 9,5 |
| | | | Outros**** | 13 | 2,6 |
| Idade (média, SD) | 23,36 | 3,59 | | | |

*493 respostas; **Imóvel cedido (emprestado) ou invasão; ***Sem designação específica; ****Primas/os, sobrinha, cunhado, sogra.

**Instrumentos**

O estudo utiliza os seguintes instrumentos:

Questionário sociodemográfico, que acessou variáveis como: idade, cidade/estado em que mora, bairro onde mora, gênero (masculino/feminino/outro), cor (branca/preta/parda/amarela/indígena), escolaridade dos pais e mães (ensino fundamental/ensino médio/ensino superior/pós-graduação/escola técnica – senai, ifba/nenhum tipo de educação formal/não sei), tipo de imóvel (próprio/alugado/residência universitária/albergue/hostel/hotel/outro), estado civil (solteiro/casado/mora junto/separado ou divorciado/viúvo/outros), cidade de origem, com quem mora ( pai / mãe/ padrasto / madrasta / irmãos / avô / avó / tios / pais adotivos/filho(s)/ companheiro(a) / moro sozinho(a) / amigos(as) ou colegas), quantas pessoas moram na sua casa incluindo você (de 1 a 2 pessoas/de 3 a 4 pessoas/de 5 a 6 pessoas/7 ou mais), etc.

Questionário da Juventude Brasileira (Versão Fase II – Dell'Aglio et al., 2011) (ver Anexo B), de onde se extraíram as seguintes escalas (ver anexo A):

Conexão com a Família. A percepção acerca da relação familiar é investigada por 15 itens, avaliados em uma escala *Likert* de cinco pontos que variam de (1) “Discordo totalmente” a (5) “Concordo totalmente. Exemplos de itens desta escala são: “Costumamos conversar sobre problemas da nossa família”, “Meus pais raramente me criticam” e “Raramente ocorrem brigas na minha família”. Estes itens apresentam um bom grau de fidedignidade, alfa de Cronbach de .86.

Conexão com a Instituição educacional. A percepção acerca da relação dos participantes com a instituição educacional é investigada a partir de sete itens, avaliados em escala *Likert* de cinco pontos que variam de (1) “Discordo totalmente” a (5) “Concordo totalmente. Exemplos

de itens desta escala são: “Eu me sinto bem quando estou na faculdade/universidade”, “Gosto de ir para a faculdade/universidade” e “Gosto da maioria dos meus professores”. Estes itens apresentam um bom grau de fidedignidade, alfa de Cronbach de .73.

Conexão com a comunidade. A percepção da relação dos participantes com a comunidade/bairro é investigada por seis itens, avaliados em escala *Likert* de cinco pontos que variam de (1) “Discordo totalmente” a (5) “Concordo totalmente. Exemplos de itens desta escala são: “Eu posso confiar nas pessoas da minha comunidade/bairro”, “Eu me sinto seguro na minha comunidade/bairro” e “Eu posso contar com meus vizinhos quando preciso deles”. Estes itens apresentam um bom grau de fidedignidade, alfa de Cronbach de .73.

Escala de Saúde Mental Positiva – *Short Form.* A Escala de Saúde Mental Positiva – *Short Form* (MHC-SF), já validada no Brasil (Machado & Bandeira, 2015), é um instrumento de autorrelato para avaliação da saúde mental positiva, baseada em sintomas de afetos positivos, autodesenvolvimento e conexão social (ver Anexo C). Composta por 14 itens respondidos em uma escala *likert* de 6 pontos, desde (1) “nunca” a (6) “todos os dias”. Exemplos de itens desta escala são: “Que as pessoas, em geral, são boas”, “Que você teve algo importante para contribuir para a sociedade” e “Que você teve experiências que o desafiaram a crescer e tornar-se uma pessoa melhor”. O Instrumento inclui três subescalas que buscam acessar a subjetividade ou o bem-estar (3 itens), bem-estar psicológico (6 itens) e bem-estar social (5 itens). Este instrumento apresenta um bom grau de fidedignidade, alfas de Cronbach’s variam de .61 a .79.Para a análise de equações estruturais, foi utilizado o fator total da escala de Saúde Mental Positiva – *Short Form*, visto que este escore consegue avaliar o construto da saúde mental de forma mais ampla. Isso, além de melhorar os índices estatísticos da análise de equações estruturais, também pareceu mais contundente do ponto de vista dos autores, que se propuseram a avaliar a saúde mental como um todo. Ademais, os itens que compõem a escala permitem a sua análise como fator geral.

Escala Desenvolvimento Juvenil Positivo – *Very Short Form.* O questionário do DJP – *Very Short Form* (PYD-VSF), em processo de validação no Brasil (Jesus et al., 2021) é um instrumento de autorrelato que consiste em 17 itens a serem respondidos em escala *likert* de 5 pontos, desde (1) "discordo totalmente" a (5) "concordo totalmente" (ver Anexo A). O instrumento inclui 5 subescalas, cada escala buscando acessar um dos 5Cs: Competência (3 itens, Ex.: "Eu tenho muitos amigos" e "Eu vou bem nas minhas aulas"), Confiança (3 itens, Ex.: "Eu estou feliz comigo mesmo (a) a maioria do tempo" e "Eu realmente gosto da minha aparência"), Caráter (4 itens, Ex.: "Eu quase nunca faço coisas que eu sei que não deveria fazer" e "Eu gosto de estar com pessoas que são de uma raça/etnia/cultura diferente da minha"), Cuidado (3 itens, Ex.: "Quando eu vejo uma pessoa tirando vantagem da outra, eu quero intervir" e "Quando eu vejo uma pessoa sofrendo bullying, eu sinto muito por ela") e Conexão (4 itens, Ex.: "Eu recebo bastante encorajamento na minha faculdade/universidade" e "Eu sinto que meus amigos/as são bons amigos/as"). Este instrumento apresenta um bom grau de fidedignidade, alfas de Cronbach's variam de .37 a .90. Por não ter apresentado uma carga fatorial satisfatória (no caso, 0,187) quando foram feitas as Análises Fatoriais Confirmatórias no fator 3, o item "Eu quase nunca faço coisas que eu sei que não deveria fazer" foi excluído da estrutura fatorial final deste estudo. Nesta dissertação, foi utilizada a escala do DJP - VSF com 17 itens, por esta ser capaz de avaliar o construto. A versão com 34 itens (DJP - SF), necessita de mais estudos, portanto, não foi utilizada neste trabalho. Inventário de Eventos Estressores – IEEA. O Inventário de Eventos Estressores - IEEA (Ferlin et al., 2000) para adolescentes, tem por objetivo avaliar a frequência e o impacto de eventos estressores (ver Anexo E). Esse instrumento inclui 64 itens que avaliam uma amplitude de eventos estressores que se referem a diferentes situações e contextos vivenciados pelos jovens. Para este estudo, foi utilizada uma versão reduzida do IEEA, contendo 21 itens. Visto que o IEEA foi desenvolvido, inicialmente, para adolescentes, foi realizada uma redução da quantidade de

itens para que estes fossem mais contundentes com o contexto universitário e a vivencia da juventude neste ambiente.

Em cada um dos itens, em primeiro lugar, o sujeito deve indicar se já vivenciou ou não o evento em seu percurso de vida, indicando “sim” em caso de já tê-lo experienciado e “não” para situações que nunca vivenciou. Logo em seguida, deve indicar, apenas para os eventos que já experenciou, o impacto percebido em uma escala *Likert* de cinco pontos, que variam desde “(1) Nada estressante” a “(5) Totalmente estressante”. Exemplos de itens desta escala são: “Ter problemas com a polícia”, “Ter dormido na rua” e “Ter dificuldades em fazer amizades”. Neste estudo foi utilizado apenas a indicação de vivência ou não vivência do evento estressor.

**Procedimento**

Diante do cenário pandêmico, causado pelo novo vírus da COVID-19, a aplicação do instrumento foi realizada de forma virtual em versão *online* do questionário encaminhada para os/as estudantes das IES em redes sociais (Instagram, Facebook etc.) e envio por e-mail. Antes do início da coleta, foi realizado um Teste Piloto com 20 jovens, o qual permitiu observar o nível de compreensão e a adequação das questões propostas, permitindo algumas reformulações e a exclusão de alguns itens, especificamente.

**Análise**

As variáveis sociodemográficas foram usadas para fins de caracterização da amostra por meio de análises descritivas (ex.: frequência e médias). Num segundo passo, foi conduzida uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC) para avaliar se o modelo teórico proposto pela Escala

DJP-VSF apresenta bons índices na amostra do estudo. Para índices de ajuste, o Índice de Ajuste Comparativo (CFI), o Índice de Tucker-Lewis (TLI) e o Erro Médio Quadrádico (RMSEA) foram calculados com um Intervalo de Confiança (IC) de 90%. Valores de CFI e TLI iguais ou maiores que 0,90 representam um ajuste aceitável; maiores que 0,95 representam um bom ajuste. Valores de RMSEA iguais ou inferiores a 0,08 representam um ajuste aceitável; menor que 0,05 representam um bom ajuste (Hu & Bentler, 1999). Os pesos de regressão padronizados dos itens foram avaliados para verificar sua relevância para os fatores latentes representados pelas medidas. Cargas acima de .30 foram consideradas aceitáveis e acima de .40 foram consideradas boas.

Em seguida, para fins de análise bivariada, foram extraídos escores de fatores latentes para todas as medidas que tiverem bom desempenho na AFC (ver Tabela 2) e foram conduzidas correlações de Pearson entre os 5Cs e conexão com a família, com a comunidade e com a instituição educacional; saúde mental positiva; e eventos estressores. Finalmente, o modelo foi avaliado por meio de análises de Equações Estruturais com as os cinco Cs do DJP como variáveis dependentes; e conexão com a família, com a comunidade e com a instituição educacional; saúde mental positiva como variáveis independentes. Novamente, CFI, TLI e RMSEA foram calculados como índices de ajuste do Modelo de Equações Estruturais. Depois disso, pesos de regressão padronizados foram avaliados para verificar associações entre as variáveis. Por fim, foi realizado o somatório contendo as variáveis do IEAA e foram conduzidas correlações de Pearson entre os 5Cs e eventos estressores (ver Tabela 4).

## Resultados

Resultados da AFC demonstraram índices bons quanto as medidas utilizadas (Tabela 2.). Algumas das medidas utilizadas apresentaram cargas residuais (RMSEA) um pouco acima do

que foi sugerido como ponto de corte (ex., conexão com a família, conexão com a comunidade e conexão com a instituição educacional), mas isto não invalidou o prosseguimento das análises nem os resultados do estudo.

Tabela 2

Índices de *Modelfit* para medidas de fatores latentes testados através da análise confirmatória

| | CFI | TLI | RMSEA (90% CI) |
|---|---|---|---|
| DJP | .945 | .932 | .056 (.048-064) |
| Conexão com a Família | .887 | .868 | .179 (.171-.187) |
| Conexão com a Comunidade | .956 | .926 | .139 (.115-.165) |
| Conexão com a Universidade | .985 | .975 | .161 (.137-.187) |
| Saúde Mental Positiva | .956 | .946 | .089 (.080-098) |

***Nota.*** *CFI* Ajuste Comparativo, *TLI* Índice de Tucker-Lewis, *RMSEA* Erro Médio Quadrádico, *CI* Intervalo de Confiança

Correlações de Pearson com os fatores latentes das escalas são apresentadas na Tabela 3. No geral, níveis elevados de saúde mental positiva, conexão com a universidade/faculdade, conexão com a comunidade/bairro estão associados positivamente aos C's do DJP. Os Cs da Competência, Confiança e Conexão apresentaram correlações positivas e estatisticamente significativas com todas as variáveis independentes (ex., conexão com a família, com a comunidade/bairro e instituição educacional, saúde mental positiva). Já o Caráter apresentou uma relação positiva e estatisticamente significativa com todas as variáveis independentes, exceto com a conexão com a comunidade/bairro ($r$ = .088). No que condiz o Cuidado, este apresentou relação positiva e estatisticamente significativa com a conexão com a universidade ($r$ = .093). Não houve relação estatisticamente significativa entre Cuidado e a Saúde Mental

Positiva (*r* = .043), Conexão com a comunidade/bairro (*r* = .074) e Conexão com a família (*r* = .005).

Neste estudo, para fins de análise, cada C do DJP foi correlacionado com as outras medidas separadamente. Por se tratar de um primeiro estudo utilizando este construto no Brasil, a proposta foi mensurar o potencial latente de cada fator do DJP dentro do contexto brasileiro.

A Tabela 4 apresenta os resultados da análise de equações estruturais tendo os cinco Cs do DJP como variáveis dependentes; e conexão com a família, com a comunidade/bairro e com a instituição educacional; e saúde mental positiva como variáveis independentes. O C da Competência obteve relações positivas e estatisticamente significativas com saúde mental positiva (peso de regressão=.327; *p*<.000), conexão com a universidade (peso de regressão=.349; *p*<.000) e conexão com a comunidade/bairro (peso de regressão=.642; *p*<.014). Já a Confiança, esteve associada positiva e significativamente com a saúde mental positiva (peso de regressão=.869; *p*<.000) e com a conexão com a universidade (peso de regressão=.081; *p*<.016), contudo, esteve associada negativa e significativamente com a conexão com a comunidade/bairro (peso de regressão= –.081; *p*<.052). O Cuidado apresentou associações negativas estatisticamente significativas com a saúde mental positiva (peso de regressão= – .157; *p*<.019) e com a conexão com a família (peso de regressão= –.344; *p*<.000). A Conexão apresentou associações positivas e estatisticamente significativas com a saúde mental positiva (peso de regressão=.148; *p*<.005), conexão com a universidade (peso de regressão=.293; *p*<.000) e conexão com a comunidade/bairro (peso de regressão=.268; *p*<.000). Por fim, o Caráter não apresentou associação com nenhuma variável.

Tabela 3

Correlações entre as variáveis

| | *5 C's do Desenvolvimento Juvenil Positivo* | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | Conexão | Caráter | Cuidado | Confiança | Competência |
| Conexão com a Família | **.526**** | **.180**** | .005 | **.350**** | **.308**** |
| Conexão com a Universidade | **.440**** | **.172**** | **.093*** | **.333**** | **.361**** |
| Conexão com a comunidade/bairro | **.449**** | .088 | .074 | **.333**** | **.313**** |
| **Saúde Mental Positiva** | **.533**** | **.168**** | .043 | **.706**** | **.436**** |

***Nota.*** Número destacados em negrito apresentam correlações significativas entre as variáveis dependentes (ex., 5Cs do DJP: Conexão, Caráter, Cuidado, Competência e Confiança) com as variáveis independentes (ex., percepção da relação familiar, percepção da relação com a universidade, percepção da relação com a comunidade/bairro e saúde mental positiva).

*$p < .05$; **$p < .001$.

Tabela 4

Associações entre as variáveis

| | *5 C's do Desenvolvimento Juvenil Positivo* | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | Conexão | Caráter | Cuidado | Confiança | Competência |
| Conexão com a família | .027 | − .239 | **− .344**** | **.090*** | − .150 |
| Conexão com a universidade | **.293**** | .136 | .107 | **.081*** | **.349**** |
| Conexão com a comunidade/bairro | **.268**** | .053 | .088 | **.081*** | **.185*** |
| Saúde Mental Positiva | **.148*** | − .116 | **− .157*** | **.869**** | **.327**** |

***Nota.*** Número destacados em negrito apresentam correlações significativas entre as variáveis dependentes (ex., 5Cs do DJP: Conexão, Caráter, CCuidado, Competência e Confiança) com as variáveis independentes (ex., percepção da relação familiar, percepção da relação com a universidade, percepção da relação com a comunidade/bairro e saúde mental positiva).

*$p < .05$; **$p < .001$.

A Tabela 5 apresenta correlações de *Pearson* entre os fatores latentes dos DJP e o IEAA. Como hipotetizado, no geral, os 5Cs do DJP estavam negativamente correlacionados a vivência de eventos estressores pelos/as estudantes universitários/as. Contudo o C do Cuidado obteve uma correlação positiva e significativa com a vivência de eventos estressores ($r$ = .132). Nesse sentido 3 das nossas hipóteses foram confirmadas, enquanto que uma hipótese foi parcialmente confirmada, já que o C Cuidado obteve uma correlação positiva com a vivencia de eventos estressores. Este resultado nos remete a descoberta de Geldholf et al. (2019), de que as regulações desenvolvimentais podem beneficiar o contexto às custas do indivíduo. Logo, é possível que para a juventude universitária, desenvolver um senso de simpatia e empatia para com os outros e o seu contexto se dê às custas do seu bem-estar, tornando a frequência de eventos estressores mais alta neste grupo.

Tabela 5

Correlações entre os 5Cs e eventos estressores (N = 495)

| | Competência | Confiança | Caráter | Cuidado | Conexão |
|---|---|---|---|---|---|
| Vivência de evento estressor | -.171** | -.278** | -.068 | .132** | -.264** |

** Correlação significativa ao nível de 0,01.

## Discussão

Segundo a perspectiva do DJP, fatores presentes nos sistemas ecológicos vivenciados pela juventude, impactam diretamente o desenvolvimento juvenil (Dutra-Thomé et al., 2019). Os resultados obtidos nas análises de equações estruturais indicaram associações estatisticamente

significativas, as quais possuíam pesos de regressão que variaram de aceitáveis a bons. Os resultados apontaram que níveis elevados de Conexão, Confiança e Competência estavam associados a níveis elevados de saúde mental positiva nos/as jovens universitários/as, indicando a importância de sintomas de afetos positivos, autodesenvolvimento e conexão social nos fatores característicos que fazem parte do desenvolvimento positivo (Seginer, 2008). Este resultado corrobora com estudo anterior desenvolvido por Milistetd et al. (2021), o qual ressaltou a importância da qualidade das atividades e das relações no desenvolvimento psicológico e na saúde mental de jovens (Fonte et al., 2016). Além disso, níveis elevados de conexão com a universidade/faculdade, estavam associados a níveis elevados de Conexão, Confiança e Competência. Estes resultados apontam para a efetividade da universidade em promover fatores de promoção e proteção para o enfrentamento das adversidades (Amparo et al., 2008; Pereira et al., 2016; Telzer et al., 2018), principalmente em um contexto marcado por tanta diversidade, quanto o universitário (Osse & Costa, 2011). Aqui, confirma-se a ideia de que, para além dos ambientes familiar e comunitário, o contexto universitário pode se apresentar como um catalizador fundamental no desenvolvimento de estratégias de resolução de problemas e desenvolvimento socioemocional (Osse & Costa, 2011). Enquanto isso, para os estudantes universitários, níveis mais elevados de conexão com a família estão associados a níveis mais altos de Confiança. Aqui, o senso interno de autodignidade e autoeficácia são fortalecidos por meio das conexões familiares, o que aponta o quão significativo é o papel da família para que este/a jovem perceba a sua completa capacidade e trace uma trajetória de vida marcada por relações indivíduo-contexto mais benéficas (Ardal et al., 2017; Crocetti et al., 2014; Bowers et al., 2010). Nesse sentido, níveis mais altos de conexão com a comunidade/bairro estiveram associados a níveis mais altos de Conexão, Confiança e Competência. Reforçando o resultado de Sorhaindo et al., (2016) sobre a importância do acolhimento social no desenvolvimento de atividades e enfrentamento a comportamentos

potencializadores de risco. Neste caso, Lerner et al. (2004) indicam que grupos e/ou programas que assegurem que o jovem tenha um relacionamento sustentado com pelo menos um adulto comprometido, o qual ofereça oportunidades para o desenvolvimento de habilidades e atue para melhorar a comunidade/bairro tem papel fundamental para a presença dos 5 Cs. Todavia, é necessário que o/a jovem acredite nesta possibilidade e invista nesta relação, pois esta ação evidencia avanços adicionais no desenvolvimento individual de cada jovem e, também, na saúde do seu mundo social (Lerner, 2005; Lerner et al., 2005). Milistetd et al. (2021) reforçam ainda que a realização de atividades e/ou esportes em equipe podem reduzir transtornos que impactem na saúde mental dos indivíduos. Por outro lado, é preciso reiterar a bidirecionalidade destas relações sociais já que o desenvolvimento humano ocorre em conjunto com as funções e características da pessoa na interação com o seu ambiente (Moen et al., 1995). Um exemplo desta afirmação pode ser observado na associação negativa que a saúde mental positiva e a percepção da relação familiar tiveram com o C do Cuidado. Este resultado parece indicar que, para os/as estudantes universitários/as da amostra, apresentar um senso de simpatia e empatia não se associa positivamente com uma sensação de bem-estar, bem como a percepção de uma relação saudável com a família. Este resultado corrobora com o estudo de Geldholf et al. (2014), o qual indica que o Cuidado em excesso pode produzir resultados desadaptativos. Ao discutir sobre como o Cuidado ultrapassa o desenvolvimento positivo da juventude, Geldhof et al. (2014) especularam que a associação positiva entre resultados afetivos e desadaptativos podem indicar fatores ansiogênicos e/ou hipersensibilidade emocional dos/as jovens. Nesse sentido, como aponta o resulta do presente estudo, jovens com muita empatia e simpatia podem ter uma tendência a instabilidade emocional, ou pode haver uma forte tendência a manifestar maior ansiedade e sentimentos depressivos (Holsen et al., 2017)

Isto ocorre porque os indicadores do DJP não são estritamente unidimensionais. As medidas dos 5Cs, quando mensuradas individualmente, podem ser correlacionadas com variáveis de

resultado positivo e negativo (Arbeit et al., 2014; Holsen et al., 2017; Geldholf et al., 2019). Cada C carrega o potencial latente para promover resultados desadaptativos do desenvolvimento, como ansiedade, depressão e comportamento agressivo. Logo, o construto dos 5Cs é parte de um sistema de desenvolvimento maior e complexo que deve ser visto como multivalorado (Geldholf et al., 2019) e analisado dentro de cada contexto específico (Geldholf et al., 2015), frente a vivência e experiências de cada indivíduo. Isto também deve ser considerado quando visto a associação negativa entre o Cuidado e a conexão com a família. Este resultado, a priori, parece indicar que ter uma relação apoiadora e benéfica com a família está associado a níveis baixos de Cuidado. Frente a este indicador, averiguar qualitativamente a empatia e a crença da juventude universitária de que é importante cuidar das pessoas e do contexto ao seu redor, se faz necessário. Arbeit et al. (2014) reitera esta necessidade de averiguação, pois em seu estudo realizado nos Estados Unidos, encontrou-se, por exemplo, que jovens que faziam uso de álcool e apresentavam comportamento agressivo, apresentaram altos níveis de Confiança e Competência. Para estes autores, este tipo de resultado deve funcionar como parte de uma investigação sobre a complexidade contextual a que os jovens estão submetidos, reiterando sempre a força que o contexto exerce, e a adaptabilidade das medidas do DJP.

Para além de fomentar fatores de promoção e proteção é preciso pensar na exposição a fatores de risco. Confusões identitárias, instabilidade emocional e envolvimento com álcool e outras drogas são alguns destes fatores que podem afetar o desenvolvimento juvenil (Arnett, 2005). Neste estudo, a vivência de eventos estressores apresentou correlações negativas com os 5Cs, em sua maioria. Assim, universitários/as que apresentaram níveis mais altos de Competência, Confiança, Caráter e Conexão apresentaram baixa exposição a eventos estressores. Confirmando a tese de que, em casos em que eventos estressores se apresentam como um possível risco para desenvolvimento dos jovens, a conexão com a família e instituição

educacional podem funcionar como um fator protetivo eficaz, principalmente, em contextos mais vulneráveis (Dutra-Thomé et al., 2017). Todavia, um fator do DJP apresentou uma relação positiva com a vivência de eventos estressores: o Cuidado. Nesse sentido, quanto mais exposto/a a eventos estressores mais o/a estudante universitário/a desenvolve e apresenta um senso de empatia de simpatia. Isto parece indicar, como apontado por Geldholf et al. (2019), um risco em potencial na internalização de problemas e provocando ansiedade em relação às necessidades dos outros. Contudo, este resultado apenas nos aponta para a proposta de que é necessário avaliar a potencialidade de eventos estressores (Arbeit et al., 2014; Kristensen et al., 2004). Afinal, por ser parte de um complexo sistema desenvolvimental, cada atributo de um determinado comportamento não poderia estar ligado necessariamente a resultados positivos ou negativos (Arbeit et. al., 2014), bem como, a medida do cuidado ainda não consegue distinguir entre indivíduos que exibem carinho como parte de regulamentações de desenvolvimento adaptativas e negativas (Geldholf et al., 2019). Esses comportamentos necessitam ser interpretados dentro de seu contexto, pois, ingerir bebida alcoólica ou possuir vida sexual ativa, por exemplo, podem apresentar características normativas e acrescentar efeitos tanto positivos quanto negativos (Arbeit et. al., 2014). Isso ocorre porque dificuldades normativas são previsíveis na vida, bem como desafios únicos e alguns ritos de passagem (ex., ter a primeira relação sexual, beber com amigos/as em algum evento ou socialmente), portanto, podem ser considerados como elementos necessários para uma adaptação geral no processo desenvolvimental (Scales et al., 2000). Este tipo de evidencia reitera a força que o contexto exerce sobre os/as jovens, e a necessidade de se pensar cada sociedade dentro de suas práticas e cultura.

## Considerações finais

O objetivo deste estudo foi testar o modelo dos 5Cs do DJP em estudantes universitários/as brasileiros. Cada um dos Cs do DJP descreve mais do que um recurso pessoal (Geldholf et al., 2019). Eles descrevem uma interseção entre os/as jovens e o seu contexto e enfatiza características que fazem parte do desenvolvimento positivo. Assim, nossa contribuição com este estudo foi fornecer ferramentas para repensar cada uma das partes desse sistema integrado, em constante interação e influência mútua. Sistema composto pelos jovens universitários e os recursos internos e externos presentes em seu contexto, potencialmente capazes de gerar resultados desenvolvimentais positivos. Sendo estes sistemas: (1) a família, por constituir os primeiros vínculos afetivos e apoiadores para que os indivíduos, no processo desenvolvimental, desempenhem papéis sociais (Corrêa et. Al., 2016; Lordello & Costa, 2014; Catalano et al., 2004); (2) a comunidade/bairro, por ser um sistema que engloba os cenários imediatos a que o/a jovem está inserido/a e, assim, influência, delimita ou determina o que acontece lá; e (3) a instituição educacional, que está em uma posição única para organizar ou coordenar atividades juvenis capazes de fornecer autonomia, segurança e apoio; que também impulsionarão a autoconfiança, as competências acadêmicas e sociais entre os jovens (Koriza et al., 2019; Wiium et al., 2019).

Evidenciar e potencializar fatores positivos na transição da vida adulta, tendo o contexto universitário como grande área de estudo, nos dá pistas de como a juventude tem lidado com alegrias, cobranças, adoecimentos e conquistas e quais possíveis “saídas” os jovens têm encontrado para lidar com fatores desadaptativos. Afinal, apesar de toda a instabilidade que este período desenvolvimental costuma trazer (Arnett, 2005; Arnett, 2011), a plasticidade tem se manifestado como um motor eficaz para a mudança e transformação (Lerner, 2005). Investigar as conexões que a juventude mantém evidencia quais fatores têm influenciado este

fator de mudança. Nesta direção, as IESs podem ser pensadas como pontos chave para o desenvolvimento de recursos cognitivos e emocionais que potencializem o DJP; assim como um espaço de integração sistemática entre os pontos fortes da juventude e os recursos do contexto (Tirrel et al., 2019). Ao destacar fatores desenvolvimentais saudáveis, a sociedade se vê diante da possibilidade de não apenas diminuir comportamentos potencializadores de risco, mas também de nutrir uma geração competente, solidária e bem-sucedida, inclusive com jovens que vivem em situação de pobreza (Tireel et al., 2019). Esta oportunidade se manifesta através da relação que o jovem desenvolve no seio da sua família (se sente-se valorizado como parte integrante deste sistema), seja no seu bairro (se identifica-se e problematiza sua vivência em comunidade e busca melhorá-la) e/ou na sua instituição de ensino (se desenvolve e pensa em proposta micro e macro sociais, pensando na mudança, transformação e transmissão das formas de saber e de ações pró-sociais) (Benson et. al, 1999). Os resultados obtidos neste estudo, nos direciona para as ferramentas e meios que cientistas e a sociedade têm, via DJP, de nutrir um desenvolvimento da juventude envolvida em papéis significativos, os quais viabilizem contextos e experiencias que podem ser determinantes para o desenvolvimento de jovens (Tirrel et al., 2018). Tornando-os/as contribuidores/as ativos/as da sociedade e com saúde mental preservada.

Limitações, incluem o corte transversal da amostra, o qual tornou possível a associação entre variáveis. Além disso, a vivência da pandemia do Coronavírus - COVID 19, fez com que o questionário fosse aplicado de forma virtual, excluindo da amostra aqueles/as estudantes que não possuem ou tem dificuldades de acesso à internet. O IEEA talvez não seja uma medida sensível o bastante para identificar a magnitude da vivência de eventos estressores e/ou a exposição a comportamentos potencializadores de risco. Isto se dá, pois, o cálculo do somatório utilizado na análise, não ter sido suficiente para a verificação de associações no modelo de equações estruturais. Estudos futuros são necessários para se mensurar o construto do PYD em

conjunto e com um corte longitudinal, bem como a utilização de medidas mais eficazes para apresentar os 5Cs e a vivência de eventos estressores no desenvolvimento humano. Outro ponto a ser desenvolvido é a utilização de uma escala que contemple todos os recursos internos e externos identificados por Benson et al. (1999). Neste estudo, apenas os recursos externos da categoria suporte foram contemplados através de escalas que evocassem características da escala desenvolvida pelo *Search Institute* (cujo acesso foi inviável, confirme exposto na introdução do trabalho). Por fim, o desenvolvimento de um estudo misto pode ser eficaz tanto na mensuração do construto quanto na descrição a respeito da presença de cada aspecto do DJP na vida destes indivíduos, visto que o C do Cuidado apresentou resultados desadaptativos do desenvolvimento. O aprofundamento nesta questão poderá nos ajudar a esclarecer se, de fato, possuímos uma hipersensibilidade do/a jovem universitário/a frente as demandas e vivências estressoras ou se há alguma fragilidade da composição dos itens no fator do Cuidado.

## Referências

Ambiel, R. A. M., Dos Santos, A. A. A., & Dalbosco, S. N. P. (2016). Motivos para evasão, vivências acadêmicas e adaptabilidade de carreira em universitários. Psico, 47(4), 288. https://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.4.23872

Årdal, E., Holsen, I., Diseth, Å., & Larsen, T. (2017). The Five Cs of Positive Youth Development in a school context; gender and mediator effects. *School Psychology International*, 014303431773441. https://doi.org/10.1177/0143034317734416.

Adams, B. G., Wiium, N., & Abubakar, A. (2019). Developmental Assets and Academic Performance of Adolescents in Ghana, Kenya, and South Africa. *Child & Youth Care Forum*, *48*(2), 207–222. https://doi.org/10.1007/s10566-018-9480-z.

Amparo, D. M. do, Galvão, A. C. T., Alves, P. B., Brasil, K. T., & Koller, S. H. (2008). Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: Redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. *Estudos de Psicologia (Natal)*, *13*(2), 165–174. https://doi.org/10.1590/S1413-294X2008000200009

Arbeit, M. R., Johnson, S. K., Champine, R. B., Greenman, K. N., Lerner, J. V., & Lerner, R. M. (2014). Profiles of Problematic Behaviors Across Adolescence: Covariations with Indicators of Positive Youth Development. *Journal of Youth and Adolescence*, *43*(6), 971–990. https://doi.org/10.1007/s10964-014-0092-0.

Arnett, J. J. (2005). The Developmental Context of Substance use in Emerging Adulthood. *Journal of Drug Issues*, *35*(2), 235–254. https://doi.org/10.1177/002204260503500202

Arnett, J. J. (2011). Emerging adulthood(s): The cultural psychology of a new life stage. In L. A. Jensen (Ed.), Bridging cultural and developmental approaches to psychology: New syntheses in theory, research, and policy (p. 255–275). Oxford University Press.

Benson, P. L. (1990). The trouble journey: A portrait of 6th-12th grande youth. Minneapolis, Minn.: Search Institute.

Benson, P. L., Scales, P. C., Leffert, N., Roehlkepartain, E. C. (1999). *A fragile foundation: The state of developmental assets among American youth*. Minneapolis, Minn.: Search Institute.

Bowers, E. P., Li, Y., Kiely, M. K., Brittian, A., Lerner, J. V., & Lerner, R. M. (2010). The Five Cs Model of Positive Youth Development: A Longitudinal Analysis of Confirmatory Factor Structure and Measurement Invariance. *Journal of Youth and Adolescence*, *39*(7), 720–735. https://doi.org/10.1007/s10964-010-9530-9.

Brasil. Mistério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Superior (1996). *Comissão especial de estudos sobre a evasão nas universidades públicas brasileiras.* Brasília: ANDIFES/ABRUEM/SESU/MEC. Obtido em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001613.pdf

Bronfenbrenner, U. (1998). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Campos, C. R. F., Oliveira, M. L. C., Mello, T. M. V. F. de, & Dantas, C. de R. (2017). Academic performance of students who underwent psychiatric treatment at the students' mental health service of a Brazilian university. Sao Paulo Medical Journal, 135(1), 23–28. doi: 10.1590/1516-3180.2016.017210092016

Catalano, R. F., Berglund, M. L., Ryan, J. A. M., Lonczak, H. S., & Hawkins, J. D. (2004). Positive Youth Development in the United States: Research Findings on Evaluations of Positive Youth Development Programs. The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science, 591(1), 98–124. https://doi.org/10.1177/0002716203260102

Copetti, F., & Krebs, R. J. (2004). As propriedades da pessoa na perspectiva do paradigma bioecológico. In S. H. Koller (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 67-89). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Corrêa, A. C. L., Meincke, S. M. K., Schwartz, E., Oliveira, A. M. N., Soares, M. C., & Jardim, V. M. R. (2016). Percepções de homens sobre a vivência da paternidade na adolescência: uma perspectiva bioecológica. Rev. Gaúcha de Enfermagem, 37(1), 1-7. http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.01.54692

Crocetti, E., Erentaitė, R., & Žukauskienė, R. (2014). Identity styles, positive youth development, and civic engagement in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, *43*(11), 1818–1828. https://doi.org/10.1007/s10964-014-0100-4

Dell'Aglio, D. D., Benetti, S. P. da C., Deretti, L., D'Incao, D. B., & Leon, J. S. (2005). Eventos estressores no desenvolvimento de meninas adolescentes cumprindo medidas sócio-educativas. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, *15*(30), 119–129. https://doi.org/10.1590/S0103-863X2005000100013

Dell'Aglio, D. D., Koller, S. H., Cerqueira-Santos, E., & Colaço, V. (2011). Revisando o questionário da juventude brasileira: uma nova proposta. In: D. D. Dell'Aglio & S. H. Koller (Eds.), *Adolescência e juventude: Vulnerabilidade e contextos de proteção* (pp. 259-270). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Dutra-Thomé, L., DeSousa, D., & Koller, S. H. (2019). Promotive and Risk Factors for Positive Youth Development Among Emerging Adults in Brazil. *Child & Youth Care Forum*, *48*(2), 171–185. https://doi.org/10.1007/s10566-018-9475-9

Dutra-Thomé, L., & Koller, S. H. (2014). Emerging Adulthood in Brazilians of Differing Socioeconomic Status: Transition to Adulthood1. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, *24*(59), 313–322. https://doi.org/10.1590/1982-43272459201405

Dutra-Thomé, L., Leme, V. R., Pereira, A. S., Paiva, I. L., Dias, A. C. G., Gaião, E. S., & Koller, S. H. (2017). O Impacto de Fatores Protetivos e de Risco na Autoestima e

Autoeficácia de Adultos Emergentes nas Cinco Regiões Brasileiras. *Avances en Psicología Latinoamericana*, *35*(3), 485.

Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Erikson, E. H. (1976). *Infância e Sociedade* (2nd ed.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Ferlin, M.; Lima, J. S.; Alchieri, J. C.; Kristensen, C. H. & Flores, R. Z. (2000). Desenvolvimento do inventário de eventos estressores na adolescência (IEEA). *Resumos das Comunicações – Exponha-se – Semana de Pesquisa e Iniciação Científica* (pp. 204-205). São Leopoldo: UNISINOS

Fonte, C., Ferreira, C. & Alves. S. (2017). Estudo da saúde mental positiva em jovens adultos: Relações entre psicopatologia e bem-estar. Revista Psique, Vol. XIII, 57-74.

Geldhof, G. J., Bowers, E. P., Mueller, M. K., Napolitano, C. M., Callina, K. S., Walsh, K. J., Lerner, J. V., & Lerner, R. M. (2015). The five Cs model of positive youth development. In *Promoting positive youth development: Lessons from the 4-H study.* (p. 161–186). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-17166-1_9

Geldhf, G. J., Larsen, T., Urke, H., Holsen, I., Lewis, H., & Tyler, C. P. (2019). Indicators of positive youth development can be maladaptive: The example case of caring. *Journal of Adolescence*, *71*, 1–9. https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2018.11.008

Holsen, I., Geldhof, J., Larsen, T., & Aardal, E. (2017). The five Cs of positive youth development in Norway: Assessment and associations with positive and negative outcomes. *International Journal of Behavioral Development*, *41*(5), 559–569. https://doi.org/10.1177/0165025416645668.

Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 6, 1–55.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). *Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua - PNAD* (3a ed.). Rio de Janeiro, RJ. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012). *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro, RJ.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Resumo técnico do censo da educação superior 2017 (2019). Brasília: MEC.

Jesus, M.C., Pereira, A.S., Dutra-Thomé, L. (2021). Validação da Escala de Desenvolvimento Juvenil Positivo - Short Form [Manuscrito não publicado].

Kristensen, C. H., Leon, J. S., D'Incao, D. B., & Dell'Aglio, D. D. (2004). Análise da frequência e do impacto de eventos estressores em uma amostra de adolescentes. *Interação em Psicologia*, *8*(1). https://doi.org/10.5380/psi.v8i1.3238

Kristensen, C. H., Schaefer, L. S., & Busnello, F. de B. (2010). Estratégias de coping e sintomas de stress na adolescência. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(1), 21–30. https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100003

Kozina, A., Wiium, N., Gonzalez, J.-M., & Dimitrova, R. (2019). Positive Youth Development and Academic Achievement in Slovenia. *Child & Youth Care Forum*, *48*(2), 223–240. https://doi.org/10.1007/s10566-018-9457-y.

Lee, A. R., & Suzanne-Horsley, J. (2017). The role of social media on positive youth development: An analysis of 4-H Facebook page and 4-H'ers' positive development. *Children and Youth Services Review*, *77*, 127–138. https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2017.04.014

Lei n. 10.260, de 12 de julho de 2001. (2001, 13 de julho de). Dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior e dá Outras Providências. *Diário Oficial da União*, seção 2.

Lei n. 11.096, de 13 de janeiro de 2005. (2005, 14 de janeiro). Institui o Programa Universidade para Todos - PROUNI, Regula a Atuação de Entidades Beneficentes de Assistência Social no

Ensino Superior, Altera a Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá Outras Providências. *Diário Oficial da União*, seção 7.

Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012. (2012, 29 de agosto). Dispõe sobre o Ingresso nas Universidades Federais e nas Instituições Federais de Ensino Técnico de Nível Médio e dá Outras Providências. *Diário Oficial da União*, seção 1.

Lerner, R. M. (2005, Setembro). *Promoting positive youth development: theoretical and empirical bases*. (2005). Texto preparado para o Workshop on the Science of Adolescent Health and Development, National Research Council/Institute of Medicine. Washington, DC: National Academies of Science. Recuperado em 05 abril, 2019, em https://ase.tufts.edu/iaryd/documents/pubPromotingPositive.pdf.

Lerner, R. M. (2011). The positive development of youth: Report of the findings from the first seven years of the 4-H study of positive youth development. Institute for Applied Research in Youth Development. Tuffs University, National 4-H Council.

Lerner, R. M., Lerner, J. V., Almerigi, J. B., Theokas, C., Phelps, E., Gestsdottir, S., … von Eye, A. (2005). Positive Youth Development, Participation in Community Youth Development Programs, and Community Contributions of Fifth-Grade Adolescents: Findings From the First Wave Of the 4-H Study of Positive Youth Development. *The Journal of Early Adolescence*, *25*(1), 17–71. https://doi.org/10.1177/0272431604272461.

Lordello, S. R., & Costa, L. F. (2014). Gestação decorrente de violência sexual: Um estudo de caso à luz do modelo bioecológico. *Contextos Clínicos*, *7*(1), 94–104. https://doi.org/10.4013/ctc.2014.71.09

Macêdo, R. M. S. de, & Kublikowski, I. (2009). Valores positivos e desenvolvimento do adolescente: Perfil de jovens paulistanos. *Psicologia Em Estudo*, *14*(4), 689–698. https://doi.org/10.1590/S1413-73722009000400009.

Machado, W. de L., & Bandeira, D. R. (2015). Positive Mental Health Scale: Validation of the Mental Health Continuum - Short Form. *Psico-USF*, *20*(2), 259–274. https://doi.org/10.1590/1413-82712015200207.

Milistetd, M., Camiré, M., Ciampolini, V., Quinaud, R. T., & Nascimento, J. V. do. (2021). Psychosocial development and mental health in youth Brazilian club athletes: Examining the effects of age, sport type, and training experience. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, *23*, e78769. https://doi.org/10.1590/1980-0037.2021v23e78769

Moen, P., Elder, G. H., & Luscher, K. (Orgs.). (1995). Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development (pp. 563-597). Washington, DC: American Psychological Association.

Osse, C. M. C., & Costa, I. I. da. (2011). Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, *28*(1), 115–122. https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000100012

Padovani, R. da C., Neufeld, C. B., Maltoni, J., Barbosa, L. N. F., Souza, W. F. de, Cavalcanti, H. A. F., & Lameu, J. do N. (2014). Vulnerability and psychological well-being of college student. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, *10*(1). https://doi.org/10.5935/1808-5687.20140002

Pereira, A. S., Dutra-Thomé, L., & Koller, S. H. (2016). Habilidades sociais e fatores de risco e proteção na adultez emergente. Psico, 47(4), 268. https://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.4.23398

Pereira, A. S., Willhelm, A. R., Koller, S. H., & Almeida, R. M. M. de. (2018). Fatores de risco e proteção para tentativa de suicídio na adultez emergente. *Ciênc. Saúde Colet*, *23*(11), 3767–3777.

Seginer, R. (2008). Future orientation in times of threat and challenge: How resilient adolescents construct their future. *International Journal of Behavioral Development*, *32*(4), 272–282. https://doi.org/10.1177/0165025408090970

Silva, M. V. M. da, & Azevedo, A. K. S. (2018). Um olhar sobre o Suicídio: Vivências e experiências de estudantes universitários. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, 7(3), 400. doi: 10.17267/2317-3394rpds.v7i3.1908

Schneider, A. M. de A., & Pacheco, J. T. B. (2010). Eventos estressores e conduta social na adolescência. Gerais : Revista Interinstitucional de Psicologia, 3(1), 23-32. Recuperado em 23 de julho de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202010000100004&lng=pt&tlng=pt.

Schotanus-Dijkstra, M., ten Have, M., Lamers, S. M. A., de Graaf, R., & Bohlmeijer, E. T. (2016). The longitudinal relationship between flourishing mental health and incident mood, anxiety and substance use disorders. *The European Journal of Public Health*, ckw202. https://doi.org/10.1093/eurpub/ckw202

Silva, M. V. M. da, & Azevedo, A. K. S. (2018). Um olhar sobre o Suicídio: Vivências e experiências de estudantes universitários. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, 7(3), 400. doi: 10.17267/2317-3394rpds.v7i3.1908

Sorhaindo, A., Mitchell, K., Fletcher, A., Jessiman, P., Keogh, P., & Bonell, C. (2016). Young women’s lived experience of participating in a positive youth development programme: The “teens & toddlers” pregnancy prevention intervention. *Health Education*, *116*(4), 356–371. https://doi.org/10.1108/HE-01-2015-0002

Sousa, W. P. da S. (2019). Adaptação transcultural da multidimensional scale of perceived social support (mspss) para o português (Brasil) (Tese de Doutorado, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte). Recuperado de https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/27722

Teixeira, M. A. P., Dias, A. C. G., Wottrich, S. H., & Oliveira, A. M. (2008). Adaptação à universidade em jovens calouros. *Psicologia Escolar e Educacional*, *12*(1), 185–202. https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000100013

Telzer, E. H., van Hoorn, J., Rogers, C. R., & Do, K. T. (2018). Social influence on positive youth development: A developmental neuroscience perspective. In J. B. Benson (Ed.), Advances in child development and behavior (pp. 215–258). Elsevier Academic Press.

Tirrell, J. M., Geldhof, G. J., King, P. E., Dowling, E. M., Sim, A. T. R., Williams, K., …Lerner, R. M. (2019). Measuring Spirituality, Hope, and Thriving Among Salvadoran Youth: Initial Findings from the Compassion International Study of Positive Youth Development. *Child & Youth Care Forum*, *48*(2), 241–268. https://doi.org/10.1007/s10566-018-9454-1

Westerhof, G. J., & Keyes, C. L. M. (2010). Mental illness and mental health: The two continua model across the lifespan. *Journal of Adult Development*, 17(2), 110-119.

World Health Organization, WHO. (2014). Preventing suicide: A global imperative. Recuperado de: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/131056/1/9789241564779_eng.pd

Wiium, N., Dost-Gözkan, A., & Kosic, M. (2019). Developmental Assets Among Young People in Three European Contexts: Italy, Norway and Turkey. *Child & Youth Care Forum*, *48*(2), 187–206. https://doi.org/10.1007/s10566-018-9446-1

Zimet, G. D., Dahlem, N., Zimet, S., & Farley, G. (1988*)*. The multidimensional scale of perceived social support. *Journal of Personality Assessment, 52,* 30–41

# Conclusão

O objetivo deste trabalho foi avaliar a associação entre os diferentes tipos de conexões (institucional, familiar e comunitária), indicadores de saúde mental positiva e a vivência de fatores de risco com os indicadores dos 5Cs do DJP em estudantes universitários/as brasileiros. Para tanto, foi necessário à validação para a cultura brasileira da escala do Desenvolvimento Juvenil Positivo – *Very Short Form* em 495 estudantes universitários/as brasileiros. Contudo, apesar de fazer parte desta dissertação, o artigo com as primeiras evidências de validação desta escala não está presente neste trabalho, ficando reservado para publicação futura.

Os resultados aqui apresentados apontam que os diferentes tipos de conexões sociais (familiar, escolar e institucional) e indicadores de saúde mental estiveram associados positivamente aos 5Cs do DJP. Demonstrando que uma boa percepção do jovem sobre as suas relações e rede de apoio elevam fatores de promoção e proteção à saúde, principalmente, em situações a que uma vivência estressora se pressentiria. Por sua vez, a experiência de eventos estressores correlacionou-se negativamente aos indicadores do 5Cs, exceto com o C do Cuidado, o qual apresentou uma correlação positiva. Desta forma, enquanto que Confiança, Conexão, Caráter e Competência estão presentes quando uma baixa vivência de eventos estressores é indicada, o Cuidado se torna mais presente quando este tipo de fenômeno aparece, apontando que quanto maior o risco vivenciado, maior é a percepção do/a jovem de sua rede de cuidado e maior é a sua crença de que é importante cuidar das pessoas e do contexto ao seu redor.

Como visto do Capítulo 1, o DJP revolucionou a corrente teórica da sua época ao quebrar com o paradigma dos anos 90 de que a juventude seria uma época de comportamentos problemáticos e de turbulência. Esta perspectiva instituiu que todos os comportamentos extra e interindividuais são funcionais e marcam uma interseção entre indivíduo e contexto. Desta

forma, expressões de potencialidades durante o desenvolvimento de adolescentes e jovens pressentiriam durante todo o desenvolvimento juvenil e podem e devem ser potencializadas. Este direcionamento impacta positivamente tanto na própria avaliação que o/a jovem realiza de suas habilidades e de si próprio/a (autoconceito), quanto na sua capacidade de interagir com outras pessoas e se engajar na sociedade civil.

O DJP traz para o contexto brasileiro uma nova ferramenta que, para além da aplicação em pesquisa e avaliação, fornece maneiras específicas de apoio desenvolvimental que impactem a juventude e articulem os tipos de relações, experiências sociais, ambientes sociais e padrões de interação, normas e competências que estes/as jovens mantem com os diversos contexto. Afinal, o DJP oferece um terreno comum, no qual todos os segmentos sociais podem explorar juntos, além de pensar em como todos podem fornecer suporte e estímulo para o desenvolvimento juvenil.

Para estudos futuros, sugere-se que sejam focadas as competências, habilidades e autopercepções que os/as jovens desenvolvem gradualmente através do tempo e que guiam suas escolhas no seu caminho desenvolvimental. Além disso, pode-se estudar como a percepção de conexões sociais e autopercepções do/a jovem de suas próprias competências afetam e medeiam os indicadores do DJP. Em relação a escala DJP-VSF, sugere-se que novas evidencias de validade sejam levantadas, como a validade convergente com outras escalas, por exemplo, e a aplicação desta escala em outros contextos além do universitário.

É necessário salientar que os resultados obtidos nesta dissertação não estabelecem relações de causa e efeito entre as variáveis estudadas, apenas foi possível demonstrar redes de relações e influências entre elas. Como continuidade futura deste estudo, pretende-se ampliar o campo amostral, diversificando ainda mais as características sociodemográficas da amostra e adicionar validação ecológica ao modelo.

Ainda com as limitações apresentadas, os objetivos desta dissertação de mestrado foram alcançados. Nela, foram apresentadas dados referentes ao papel que as diferentes formas de conexão social (familiar, com membros da comunidade/bairro e contexto acadêmico) tem como fator de promoção para os 5Cs do DJP. Demonstrando a importância de relações saudáveis e promotoras de saúde e bem-estar para um desenvolvimento que impulsione o/a jovem universitário/a a manter o esforço necessário para vencer dificuldades, superar desafios e problemas que ameacem o seu bem-estar.

# Referências

Santos, L.. M. dos, Dutra-Thomé, L. (2019). Desafios de tradução e adaptação de instrumentos em inglês: O caso do Positive Youth Development. III Prata da Casa: os desafios da indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão – o presente e o futuro do IPS. Salvador: UFBA.

# Anexo A

Escala do Desenvolvimento Juvenil Positivo – *Very Short Form* (PYD-VSF)

Abaixo temos alguns itens que podem refletir suas experiências. Indique qual opção de resposta é verdadeira para você.

Abaixo temos mais itens que podem refletir suas experiências. Indique qual opção de resposta é verdadeira para você.

① Discordo totalmente

② Discordo

③ Não tenho certeza

④ Concordo

⑤ Concordo totalmente

| | | |
|---|---|---|
| a | Eu tenho muitos amigos | ① ② ③ ④ ⑤ |
| b | Eu vou bem nas minhas aulas | ① ② ③ ④ ⑤ |
| c | Eu sou melhor que outros da minha idade em esportes | ① ② ③ ④ ⑤ |
| d | Eu estou feliz comigo mesmo(a) na maioria do tempo | ① ② ③ ④ ⑤ |
| e | Eu quase nunca faço coisas que eu sei que não deveria fazer | ① ② ③ ④ ⑤ |
| f | Eu realmente gosto da minha aparência | ① ② ③ ④ ⑤ |
| g | No final das contas, eu sou feliz com quem eu sou | ① ② ③ ④ ⑤ |

Considerando as suas prioridades na vida, responda:

① Não é importante

② De alguma maneira importante

③ Não tenho certeza

④ Bastante importante

⑤ Extremamente importante

| | | |
|---|---|---|
| a | Ajudar a fazer o mundo um lugar melhor para se viver | ① ② ③ ④ ⑤ |
| b | Assumir responsabilidade pelas minhas ações quando eu cometo um erro ou me envolvo em problemas | ① ② ③ ④ ⑤ |

Considerando a sua personalidade, responda:

① Nenhum pouco parecido comigo

② Um pouco parecido comigo

③ Um tanto parecido comigo

④ Bastante parecido comigo

⑤ Muito parecido comigo

| | | |
|---|---|---|
| a | Eu gosto de estar com pessoas que são de uma raça/cultura diferente da sua | ① ② ③ ④ ⑤ |
| b | Quando eu vejo uma pessoa tirando vantagem da outra, eu quero intervir | ① ② ③ ④ ⑤ |
| c | Quando eu vejo uma pessoa sofrendo *bullying*, eu sinto muito por ela | ① ② ③ ④ ⑤ |
| d | Quando eu vejo uma pessoa que está para baixo, eu me sinto mal por ela | ① ② ③ ④ ⑤ |

Considerando as suas relações com seus pais e professores, responda:

① Discordo totalmente

② Discordo

③ Não tenho certeza

④ Concordo

⑤ Concordo totalmente

| | | |
|---|---|---|
| a | Eu recebo bastante encorajamento na minha universidade/faculdade | ① ② ③ ④ ⑤ |
| b | Eu sou um membro útil e importante da minha família | ① ② ③ ④ ⑤ |
| c | Eu me vejo como um membro importante do(a) meu(minha) bairro/comunidade | ① ② ③ ④ ⑤ |

Considerando as suas relações com seus amigos, responda:

① Quase nunca verdadeiro

② Raramente verdadeiro

③ Às vezes verdadeiro

④ Usualmente verdadeiro

⑤ Sempre verdadeiro

| | | |
|---|---|---|
| a | Eu sinto que meus amigos são bons amigos | ① ② ③ ④ ⑤ |

**Anexo B**

Questionário da Juventude Brasileira (Versão Fase II)

Ao responder estas questões, pense em diferentes momentos que a sua família passou e nas diferentes pessoas com quem você mora/morou.

① Discordo totalmente

② Discordo um pouco

③ Não concordo nem discordo

④ Concordo um pouco

⑤ Concordo totalmente

| | | |
|---|---|---|
| a | Costumamos conversar sobre problemas da nossa família | ① ② ③ ④ ⑤ |
| b | Meus pais/cuidadores raramente me criticam | ① ② ③ ④ ⑤ |
| c | Raramente ocorrem brigas na minha família | ① ② ③ ④ ⑤ |
| d | Quando estou com problemas, posso contar com a ajuda dos meus pais/cuidadores | ① ② ③ ④ ⑤ |
| e | Sinto que sou amado e tratado de forma especial pelos meus pais/cuidadores | ① ② ③ ④ ⑤ |
| f | Meus pais/cuidadores em geral sabem onde eu estou | ① ② ③ ④ ⑤ |
| g | Nunca sou humilhado por meus pais/cuidadores | ① ② ③ ④ ⑤ |
| h | Meus pais/cuidadores raramente brigam entre eles | ① ② ③ ④ ⑤ |
| i | Meus pais/cuidadores dão atenção ao que eu penso e ao que eu sinto | ① ② ③ ④ ⑤ |
| j | Meus pais/cuidadores conhecem meus amigos | ① ② ③ ④ ⑤ |
| k | Eu me sinto aceito pelos meus pais/cuidadores | ① ② ③ ④ ⑤ |

| | | |
|---|---|---|
| l | Meus pais/cuidadores me ajudam quando eu preciso de dinheiro, comida ou roupa | ① ② ③ ④ ⑤ |
| m | Costumo conversar com meus pais/cuidadores sobre decisões que preciso tomar | ① ② ③ ④ ⑤ |
| n | Meus pais/cuidadores sabem com quem eu ando | ① ② ③ ④ ⑤ |
| o | Eu me sinto seguro com meus pais/cuidadores | ① ② ③ ④ ⑤ |

Por favor, marque a opção que corresponde a sua opção sobre as seguintes afirmativas:

① Discordo totalmente

② Discordo um pouco

③ Não concordo nem discordo

④ Concordo um pouco

⑤ Concordo totalmente

| | | |
|---|---|---|
| a | Eu me sinto bem quando estou na universidade/faculdade | ① ② ③ ④ ⑤ |
| b | Gosto de ir para a universidade/faculdade | ① ② ③ ④ ⑤ |
| c | Gosto da maioria dos meus professores | ① ② ③ ④ ⑤ |
| d | Quero continuar meus estudos nessa universidade/faculdade | ① ② ③ ④ ⑤ |
| e | Posso contar com meus professores | ① ② ③ ④ ⑤ |
| f | Posso contar com os profissionais da universidade/faculdade (orientador(a), coordenador(a), professor(a)) | ① ② ③ ④ ⑤ |
| g | Confio nos colegas da universidade/faculdade | ① ② ③ ④ ⑤ |

Marque a opção correspondente à sua opinião sobre as seguintes afirmações:

① Nunca

② Quase nunca

③ Às vezes

④ Quase sempre

⑤ Sempre

| | | |
|---|---|---|
| a | Eu sinto que pertenço a minha comunidade/bairro | ① ② ③ ④ ⑤ |
| b | Eu posso confiar nas pessoas da minha comunidade/bairro | ① ② ③ ④ ⑤ |
| c | Eu me sinto seguro na minha comunidade/bairro | ① ② ③ ④ ⑤ |
| d | Eu posso contar com meus vizinhos quando preciso deles | ① ② ③ ④ ⑤ |
| e | Eu posso contar com alguma organização/instituição comunitária quando preciso | ① ② ③ ④ ⑤ |
| f | Minha comunidade/bairro tem melhorado nos últimos cinco anos | ① ② ③ ④ ⑤ |

**Anexo C**

A Escala de Saúde Mental Positiva – *Short Form* (MHC-SF)

Durante o último mês, com que frequência você sentiu:

① Nunca

② Uma ou duas vezes

③ Cerca de uma vez por semana

④ Cerca de 2 ou 3 vezes por semana

⑤ Quase todos os dias

⑥ Todos os dias

| | | |
|---|---|---|
| a | Feliz | ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ |
| b | Interessada(o) pela vida | ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ |
| c | Satisfeito(a) | ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ |
| d | Que você teve algo importante para contribuir para a sociedade | ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ |
| e | Que você pertencia a uma comunidade/bairro (como um grupo social ou sua vizinhança) | ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ |
| f | Que nossa sociedade está se tornando um lugar melhor para pessoas como você | ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ |
| g | Que as pessoas, em geral, são boas | ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ |
| h | Que a forma como a nossa sociedade funciona faz sentido para você | ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ |
| i | Que você gostava da maior parte de suas características de personalidade | ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ |
| j | Que você administrou bem as responsabilidades do seu dia a dia | ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ |
| l | Que você tinha relacionamentos afetuosos e de confiança com outras pessoas | ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ |
| m | Que você teve experiências que o desafiaram a crescer e tornar-se uma pessoa melhor | ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ |

| | | |
|---|---|---|
| n | Que você foi confiante para pensar ou expressar suas ideias e opiniões próprias | ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ |
| o | Que sua vida tem um propósito ou um sentido | ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ |

**Anexo D**

Inventário de Eventos Estressores (IEEA)

Abaixo estão apresentados alguns eventos que podem ter acontecido na sua vida, provocando uma reação de tensão que chamamos de estresse. Damos o nome de estresse a um conjunto de reações físicas e psicológicas que temos quando passamos por uma situação de vida difícil, que nos dá medo, incomoda ou irrita. Marque aqueles eventos de vida que já ocorreram com você. Considere o seguinte exemplo:

00) Ter problemas de saúde

Não ( )

Sim ( X )

Nesse exemplo, o adolescente realmente teve problemas de saúde e considerou isso um evento estressor muito forte. Portanto, assinalou a alternativa "Sim". Se o ou a adolescente não tivesse passado por nenhum problema de saúde, ele/ela assinalaria a alternativa "Não. Leia com atenção às alternativas abaixo e trabalhe individualmente. Muito obrigado pela sua colaboração.

1) Ter problemas com a polícia

Não ( )

Sim ( ) 1( ) 2( ) 3( ) 4( ) 5( )

2) Não ter dinheiro

Não ( )

Sim ( ) 1( ) 2( ) 3( ) 4( ) 5( )

3) Ter problemas com a justiça

Não ( )

Sim ( ) 1( ) 2( ) 3( ) 4( ) 5( )

4) Não ter amigos(as)

Não ( )

Sim ( ) 1( ) 2( ) 3( ) 4( ) 5( )

5) Ter familiares com ferimentos ou doenças

Não ( )

Sim ( ) 1( ) 2( ) 3( ) 4( ) 5( )

6) Um dos pais ficar desempregado

Não ( )

Sim ( ) 1( ) 2( ) 3( ) 4( ) 5( )

7) Ter dormido na rua

Não ( )

Sim ( ) 1( ) 2( ) 3( ) 4( ) 5( )

8) Ter amigos (as) com ferimentos ou doenças

Não ( )

Sim ( ) 1( ) 2( ) 3( ) 4( ) 5( )

9) Não receber cuidado e atenção dos pais

Não ( )

Sim ( ) 1( ) 2( ) 3( ) 4( ) 5( )

10) Ter crise nervosa (ex., crise de ansiedade, ataque de pânico, etc.)

Não ( )

Sim ( ) 1( ) 2( ) 3( ) 4( ) 5( )

11) Ter doenças graves ou lesões sérias

Não ( )

Sim ( ) 1( ) 2( ) 3( ) 4( ) 5( )

12) Ter problemas com os outros pela sua raça/cor

Não ( )

Sim ( ) 1( ) 2( ) 3( ) 4( ) 5( )

13) Sofrer humilhação ou ser desvalorizado (a)

Não ( )

Sim ( ) 1( ) 2( ) 3( ) 4( ) 5( )

14) Ter dificuldades em fazer amizades

Não ( )

Sim ( ) 1( ) 2( ) 3( ) 4( ) 5( )

15) Sofrer violência sexual (ex., assédio, estupro, abuso, etc.)

Não ( )

Sim ( ) 1( ) 2( ) 3( ) 4( ) 5( )

16) Ficar grávida / A namorada ficar grávida

Não (  )

Sim (  ) 1(  ) 2(  ) 3(  ) 4(  ) 5(  )

17) Fazer aborto / A namorada fazer

aborto

Não (  )

Sim (  ) 1(  ) 2(  ) 3(  ) 4(  ) 5(  )

18) Usar drogas

Não (  )

Sim (  ) 1(  ) 2(  ) 3(  ) 4(  ) 5(  )

19) Envolver-se em brigas com agressão

física

Não (  )

Sim (  ) 1(  ) 2(  ) 3(  ) 4(  ) 5(  )

20) Ser rejeitado (a) pelos familiares

Não (  )

Sim (  ) 1(  ) 2(  ) 3(  ) 4(  ) 5(  )

21) Sentir-se rejeitado (a) por colegas e

amigos(as)

Não (  )

Sim (  ) 1(  ) 2(  ) 3(  ) 4(  ) 5(